

revista **SILFO**  
eletrônica

# **AUTORES UBERABENSES**

**JOSÉ HUMBERTO HENRIQUES**

**EDIÇÃO EM PORTUGUÊS**

**UBERABA/BRASIL**

**1º QUADRIMESTRE 2023**

**ANO I**

**Nº 1**

**O MAIOR FENÔMENO  
LITERÁRIO BRASILEIRO  
INDICADO AO  
NOBEL DE LITERATURA**



**EDITOR**

**GUIDO BILHARINHO**

**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**

**GABRIELA RESENDE FREIRE**

# SILFO 1

## SUMÁRIO

### EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

#### EDITORIAL

Revista *Silfo*/Autores Uberabenses 3

#### O AUTOR

José Humberto Henriques 17

#### INDICAÇÃO AO NOBEL DE LITERATURA

Proposta 21

Currículo 28

Livros Publicados 33

Prêmios Literários 53

#### TEXTOS DO AUTOR

Nota Editorial 65

Romance 67

Conto 87

Poesia 93

Visual 101

#### INDICAÇÕES

Blogs Culturais 105

#### NO BLOG

<https://revistasilfo.blogspot.com/>

#### E-MAILS

[guidobilharinho@yahoo.com.br](mailto:guidobilharinho@yahoo.com.br)

[revistasilfo@gmail.com](mailto:revistasilfo@gmail.com)

**“O PROVINCIANISMO NÃO É LUGAR GEOGRÁFICO,  
É ESTADO DE ESPIRITO” – AUTOR IGNORADO**

# Editorial

## REVISTA *SILFO*/AUTORES UBERABENSES

### Razão e Finalidade

Duas razões impõem a edição desta revista. Mais uma, oriunda de Uberaba.



**Uberaba – década de 1930**

Primeiro, utilizar as imensas facilidades e possibilidades do espaço eletrônico para manifestação, exposição e divulgação da produção intelectual e artística processada em Uberaba em todos os segmentos artísticos e não apenas no literário. Nesses propósito e fazer, tentando suprir, ou pelo menos minimizar, a omissão, o descaso e o desinteresse demonstrados pela sociedade em geral para com o saber, o conhecimento, a arte e a cultura.

São pasmosas, nesse aspecto e em tantos outros, a indiferença do público para com o que realmente é importante e representa a produção máxima da inteligência e da criatividade humanas, bem como a ignorância, larvar e absoluta, que o domina e o desorienta com graves consequências.



### **Uberaba Contemporânea**

Segundo, promover e chamar a atenção intra e extra muros e *erga omnes* para a qualidade e intensividade dessa produção, colocada principalmente desde fins da década de 1960 no pódio mais elevado da cultura brasileira em qualidade, criatividade e intensidade.

Essa posição, contudo, não surgiu de inopino e nem foi implantada e implementada *ex-abrupto* e por geração espontânea.

Vem de longe. Vem, na realidade, até mesmo de antes da fundação da cidade ocorrida em fins de 1816 ou inícios de 1817, quando, em 1815, foram organizadas, em povoado já existente em

área do futuro município, de escola feminina e de banda de música, transferidas ambas em 1817 para o arraial de Uberaba.

Aquele, como este, pequenos núcleos urbanos instalados em plena e exuberante selva brasileira, apenas, à época, cortada pela trilha de tropas, carroças e carros de boi da que posteriormente é denominada estrada do Anhanguera, originada na cidade de São Paulo e finalizada na fundação do povoado de Goiás, na província do mesmo nome.

Nesse comenos, antes e em seguida à sua fundação, Uberaba é visitada pelos notáveis barão de Eschwege, Luís d'Alincourt e Saint Hilaire, que a descrevem em seus livros.

Desde esses primórdios do nascente povoado, sediando freguesia em 1820, estabelece-se, como seu vigário, padre letrado, culto, historiador e poeta, cônego Antônio José da Silva.

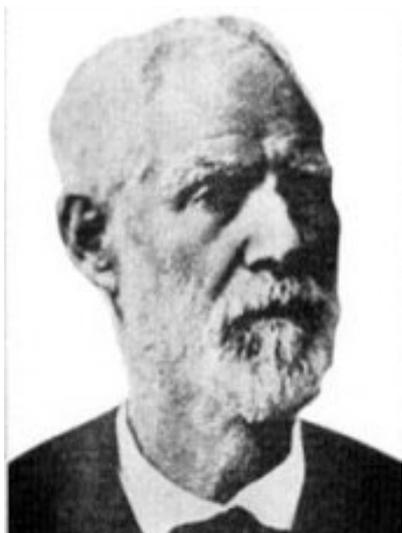
Daí em diante, impulsionada pela clarividência e dinamismo de seu fundador, Antônio Eustáquio da Silva Oliveira, Uberaba torna-se ponto de convergência entre o litoral e os vastos sertões das províncias de Goiás e Mato Grosso, centralizando e impulsionando a intermediação de produtos.

Atraídos por essa circunstância e pelo incessante desenvolvimento do arraial, depois vila (município autônomo a partir da instalação da Câmara de Vereadores em janeiro de 1837), para ele também afluem intelectuais de alta estirpe, a



**Major Eustáquio**

exemplo, entre outros e antes de 1850, dos padres Zeferino Batista Carmo e Francisco Ferreira da Rocha, do então jovem



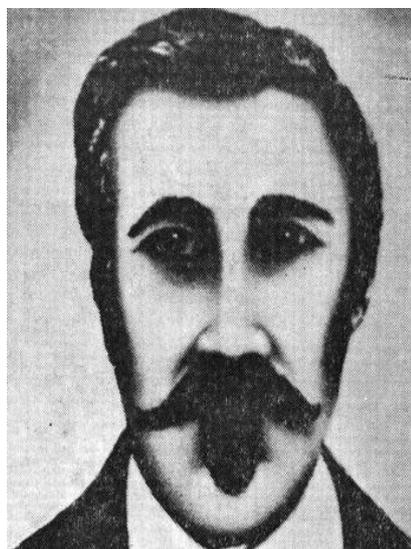
**Borges Sampaio**

comerciante Antônio Borges Sampaio e dos médicos suecos André Frederico Regnell e Augusto Westin, o primeiro renomado cientista.

Nos meados da década de 1830, a Uberaba de Antônio Cesário da Silva e Oliveira Señor (pai do major Cesário, personagem de *Inocência*, romance do visconde de Taunay) e autor da peça *O*

*Colégio de Dona Abelha*, ombreia-se com o Rio de Janeiro de Martins Pena na criação do teatro de costumes no país.

Na década de 1850 aportam na cidade, entre outros, o italiano frei Eugênio Maria da Gênova (pregador missionário e notável empreendedor), o médico e escritor francês Henrique Raimundo des Genettes (que, entre tantas outras iniciativas, irá fundar a imprensa em Uberaba e em todo o Brasil Central), do professor de português e latim Joaquim José de Oliveira Pena (futuro senador

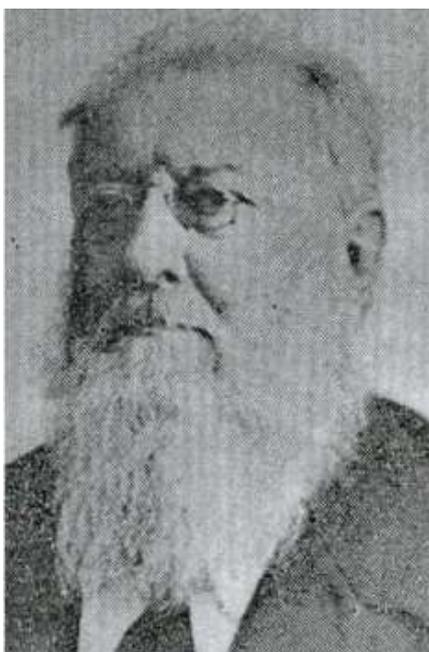


**Des Genettes**

Pena), e do gramático Lomba (de quem se tem até agora apenas breve referência sobre sua estada ou passagem pela cidade).

Daí até ao final do século XIX, sucedem-se importantes realizações na área da educação com instalação de vários

estabelecimentos de ensino secundário, com ênfase na Escola Normal Oficial em 1882, para qual vieram lecionar, entre outros, Alexandre Barbosa e Artur Lobo, e no Colégio Nossa Senhora das Dores, das irmãs dominicanas, em 1885, vindas diretamente da França para estabelecer em Uberaba sua casa matriz no país,



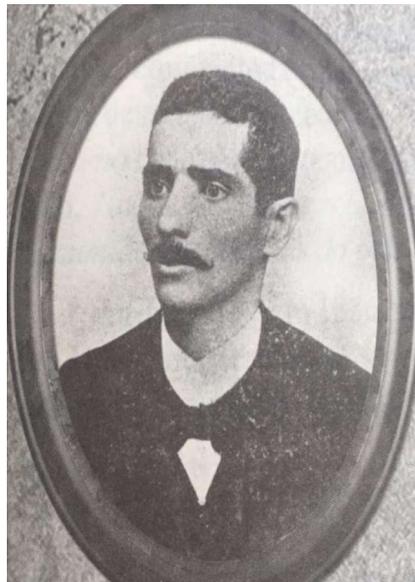
**Draenert**

culminando, nessa área, a fundação de escola superior com o Instituto Zootécnico de Uberaba, em 1895, para o qual é contratado, principalmente, o sábio alemão Frederico Maurício Draenert, descobridor da existência de bactérias no reino vegetal e precursor, no país, das pesquisas meteorológicas e, juntamente com outros professores alemães, do ensino agrícola superior a partir da Bahia.

No setor da imprensa, de 1874 a 1900, editam-se na cidade mais de 70 (setenta) jornais e periódicos, entre os quais os jornais *A Gazeta de Uberaba* (desde 1879), o *Correio Católico* (desde 1897) e *Lavoura e Comércio* (a partir de 1899), este atravessando o século XX e, nos periódicos, o *Almanaque Uberabense*, em 1895.

Nos espaços propiciados pelos educandários e pela imprensa, exercitam-se inúmeros professores e jornalistas, entre os quais, José Augusto de Paiva Teixeira (Casusa), João José Frederico Ludovice (também dramaturgo), Tobias Rosa, Borges Sampaio, João Caetano, Crispiniano Tavares e Atanásio Saltão,

os quais, e outros mais, fundam, sucessivamente, ainda no século XIX, nada menos de três entidades congregacionais de escritores, Grêmio Romântico Uberabense (1876), Clube Literário Uberabense (1880) e Ateneu Literário Uberabense (1884).



**Felício Buarque**

Na economia, a paulatina perda da exclusividade intercomercial da cidade é compensada pela descoberta e valorização desde a década de 1880 do *bos taurus indicus*, tornando-a, mercê da clarividência, competência e empenho dos fazendeiros locais, centro mundial de importação, criação, seleção, aprimoramento e difusão do gado zebu.

O alvorecer do século XX encontra, em plena atividade, o Colégio Nossa Senhora das Dores, os jornais *Gazeta de Uberaba*, *Lavoura e Comércio* e *Correio Católico*, além do *Almanaque Uberabense* e da notável editora e livraria Século XX, mas, já não tem o Instituto Zootécnico (criminosamente fechado por simples telegrama do governador Silviano Brandão) e a Escola Normal (suspensa também pelo governo estadual). Mas, ganha, em 1903, o Colégio Marista e, em 1904, o Grêmio Literário Bernardo Guimarães, a *Revista de Uberaba* e as presenças e atuações principalmente do intelectual, médico e dramaturgo goiano João Teixeira Álvares (chegado em 1899), do jurista e poeta alagoano Felício Buarque e do professor e escritor cearense João Augusto Chaves.

E começam também a atuar, política e intelectualmente, Hildebrando Pontes, Leopoldino de Oliveira (um dos maiores oradores parlamentares do país), Fidélis Reis (paladino do ensino técnico brasileiro) e seu irmão José Maria dos Reis, político, empresário e articulado intelectual.



**Leopoldino de  
Oliveira**

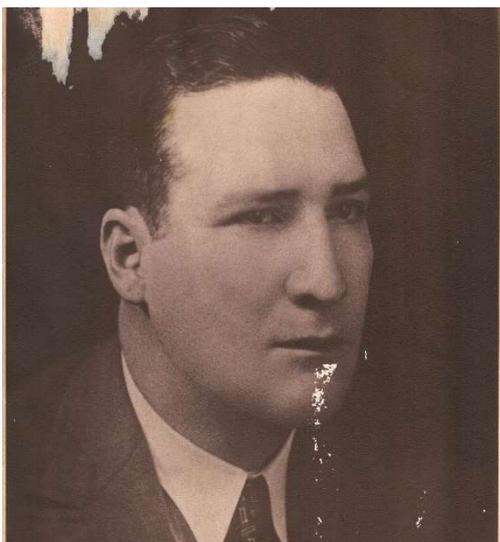
Hildebrando Pontes, por sua vez, além de político e agente executivo (prefeito) de Uberaba, salienta-se exponencialmente, como historiador com a monumental *História de Uberaba* e a pioneira *História do Futebol em Uberaba*, esta escrita em 1922, a primeira no gênero no Brasil e quiçá no mundo, além dos precursores ensaios sobre o sistema fluvial de Uberaba e o dialeto regional.

Se o teatro nas três primeiras décadas do século não apresenta novidades, o mesmo não acontece com o setor musical, efervescente, criativo e onipresente, no qual se salientam, como compositores, os imigrantes italianos Rigoletto de Martino, Renato Frateschi e Loreto Conti, além de outros notáveis compositores e professores de música uberabenses.



**Hildebrando Pontes**

Em 1922 é publicado pelo engenheiro civil uberabense,



**Pascoal Toti Filho**

Pascoal Toti Filho e editado na cidade pela Século XX, o primeiro romance brasileiro tendo o futebol como tema central, *O Grande Esportista*.

Inúmeros intelectuais aportam em Uberaba no decorrer desse período, como o goiano Vítor de Carvalho Ramos (irmão de Hugo,

autor de *Tropas e Boiadas*), os mineiros João de Minas e Genesco Murta (que no decorrer de oito anos leciona na Escola Normal), o cearense Santino Gomes de Matos, o maranhense João Cunha e o mineiro de Montes Claros, jornalista Ari de Oliveira, fundador e editor da *Revista Zebu* (1939), do *Livro Azul do Triângulo* e do *Jornal de Uberaba* (o 4º).

No início da década de 1930, o ensaísta e jornalista Orlando Ferreira, autor do polêmico *Terra Madrasta* (1926), publica seus pioneiros *Capitalismo e Comunismo* (1932) e *A Ilusão Capitalista* (1933).

No evolver dos anos e até o fim da década de 1960, sempre se pontuam na cidade realizações culturais variadas, desde as teatrais às ensaísticas, com as atividades dos compositores e maestros João Vilaça Júnior e Alberto Frateschi, e do advogado e escritor Lúcio Mendonça com sua *Vida Marvada*, além das atuações no Rio de Janeiro do compositor de música popular

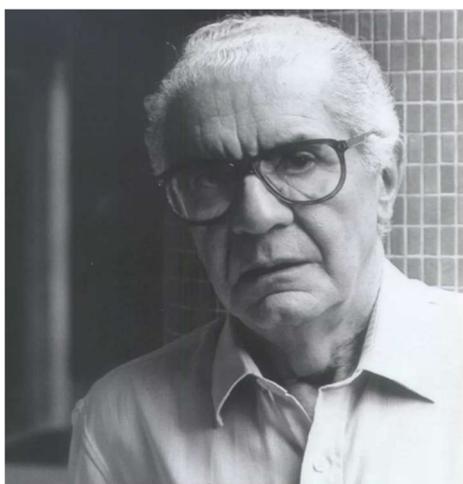
Joubert de Carvalho e do pintor, historiador e crítico de artes plásticas Reis Júnior.

Na ensaística voltada para o estudo dos problemas nacionais, destaca-se notavelmente, na década de 1930, o livro do advogado, historiador e professor uberabense José Mendonça, *Ação Nacional* (1937), do qual Monteiro Lobato (que a ele se referiu em carta ao autor, artigo e conferência), disse ser o livro que gostaria de ter escrito e sobre o qual se pronunciam, entre outros, Néelson Werneck Sodré no *Correio Paulistano*,



**José Mendonça**

Plínio Barreto (redator-chefe do *Estado de São Paulo*) e Carlos Chiachio (editor de *A Tarde*, de Salvador/BA), este afirmando que “*José Mendonça é quem melhor estuda a nossa realidade precária no momento universal que passa*”.



**Válder Campos de  
Carvalho**

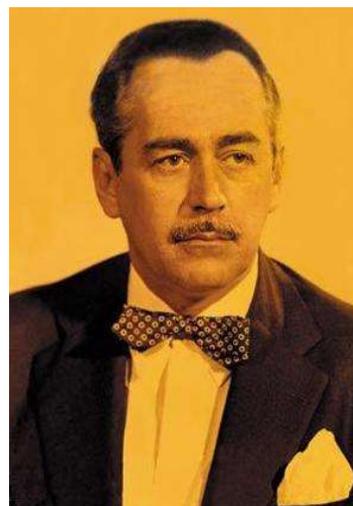
Na década de 1950 salientam-se e alcançam notoriedade nacional os romances *Vila dos Confins*, de Mário Palmério, e *A Lua Vem da Ásia*, de Válder Campos de Carvalho, autores que replicam com outras obras na década seguinte.

O médico e então vereador José Soares Bilharinho, com Iguatimori Cataldi de Sousa, diretor geral da Prefeitura, editam, em 1952, a

revista *Legislação, Organização, Orientação e Planejamento Municipal*, a única nas Américas.

Nessa década, na música, oficializa-se o Conservatório Musical de Uberaba, fundado em 1949, e surge o Instituto Musical de Uberaba. No teatro pontifica o Núcleo Artístico e Cultural da Juventude encenando obras-primas da dramaturgia brasileira e universal.

O ensino superior atinge grande desenvolvimento a partir de 1948 com as fundações da Faculdade de Odontologia por Mário Palmério e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras pelas incansáveis irmãs Dominicanas, seguidas nas décadas posteriores da criação de inúmeras outras escolas superiores até culminar, atualmente, em duas



**Mário Palmério**

Universidades Federais e a Universidade de Uberaba, além de diversas unidades de universidades forâneas.

A década de 1960 assiste, logo em 1962, a fundação de nada menos quatro relevantes instituições em diversas áreas culturais, a Academia de Letras do Triângulo Mineiro, o Cine Clube de Uberaba, o Instituto de Folclore do Brasil Central e o Foto Clube de Uberaba.

No teatro, destacam-se os grupos do Teatro Experimental de Uberaba - TEU e o Núcleo Artístico do Teatro Amador - NATA.



**Juvenal Arduini**

Iniciam, nessa década, suas atividades publicistas, o ensaísta, pensador e filósofo monsenhor Juvenal Arduini e, as plásticas, o pintor Hélivio Fantato.

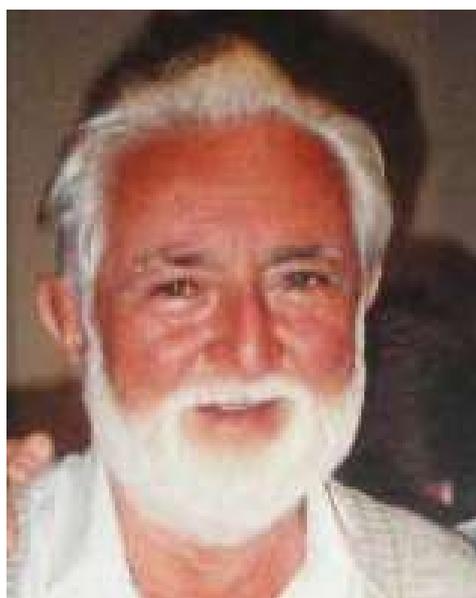
Desde 1970, e pela primeira vez, em decorrência de parceria mantida pela Academia de Letras e o *Suplemento Cultural do Correio Católico*,

começam a ser publicados livros de História local, que influenciam e criam ambiente propiciatório à instituição da Fundação Cultural de Uberaba e do Arquivo Público Municipal.

Nessa década iniciam-se ainda as atividades ensaísticas e editoriais de dinâmico grupo de juristas, lançando livros e editando periódicos jurídicos, entre os quais, a excelente *Revista Brasileira de Direito Processual*, no que fica conhecida nacionalmente como Escola Processual do Triângulo Mineiro.

A partir de 1987 passa a ser editada em Uberaba a *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, sob a direção do médico e cientista Aluísio Prata.

Grande desenvolvimento tem também o setor de artes plásticas com o surgimento de inúmeros

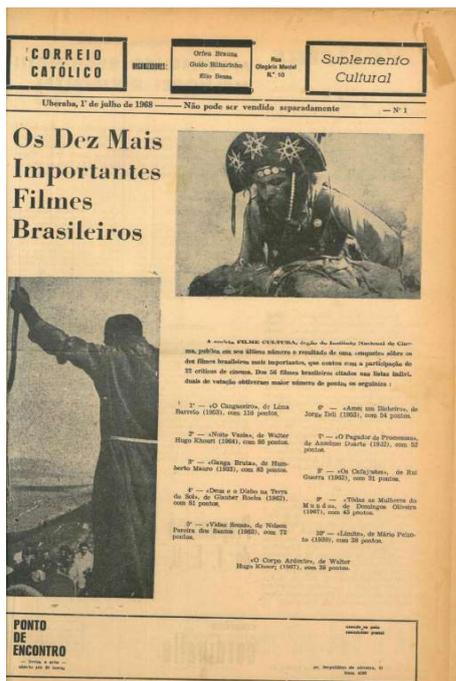


**Hélivio Fantato**

e bons pintores e escultores, proliferando principalmente no decorrer da década de 1990 as exposições e mostras de artes plásticas.

\*

A partir daí, e cada vez com maior intensidade, multiplicam-se as iniciativas culturais e as publicações de livros,



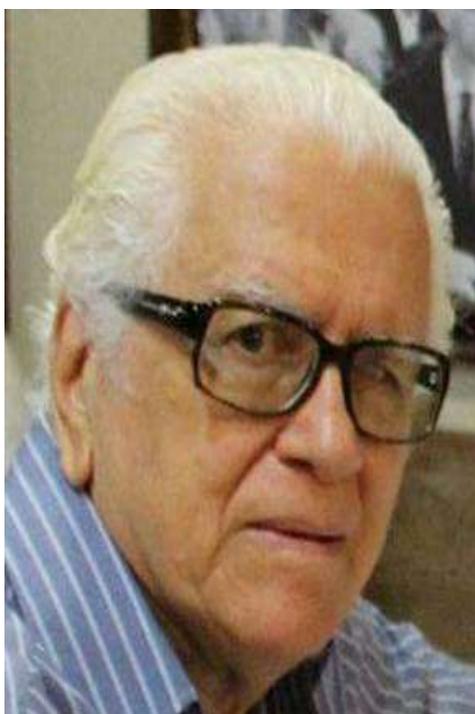
salientando-se, no periodismo cultural, o *Suplemento Cultural do Correio Católico* (editado em julho/1968 a julho/1972), que reúne, incentiva e propicia grupo de escritores criativos e sintonizados com a melhor tradição cultural do país aliada à uma dicção moderna, atualizada e criativa, que irá se desenvolver nas décadas seguintes,

com a edição de livros e participação nas páginas da revista internacional de poesia *Dimensão* (editada de 1980 a 2000) e apresentando sua síntese criadora nas antologias *A Poesia em Uberaba: do Modernismo à Vanguarda* (2003) e *O Conto em Uberaba* (2022).

Por sua vez, desenvolve-se desde meados da década de 1990, com fincas em estudos iniciados e proporcionados pelo Cine Clube de Uberaba, a crítica cinematográfica com livros de história do cinema e a coleção *Ensaio de Crítica Cinematográfica* (a única no país) com 29 (vinte e nove) títulos publicados, entre físicos e eletrônicos.

Ademais de tudo isso, exposto em apertadíssima e forçosamente omissiva síntese, a partir também de meados da década de 1990 tem início em Uberaba a diversificada e estonteante produção literária do maior fenômeno literário brasileiro, o romancista, contista, poeta, dramaturgo, ensaísta, cronista e visualista, médico José Humberto Henriques, com seus mais de 400 (quatrocentos) livros publicados eletronicamente na *Amazon*.

Com a publicação em blog próprio surge em fins de 2022 o primeiro volume do portentoso *Diário de Uberaba* com suas mais de 11.000 (onze mil) páginas, de autoria do também médico Marcelo Prata, do qual já editados quatro volumes.



**Marcelo Prata**

\*

A presente revista é, pois, unicamente destinada a publicar autores uberabenses (escritores, compositores, artistas plásticos, etc.), editando três números anualmente, cada um dedicado a um ou mais autores.

A denominação *Silfo*, como as de *Primax* e *Nexos* não decorre do significado dos termos, porém, de sua sonoridade e funcionalidade, sendo escolhidos entre os ainda não utilizados por outros periódicos ou que se supõem não o sejam.

De todo modo, *Silfo* é título também apropriado pelo seu significado de seres mitológicos de tradição germânica, simbolizando racionalidade, conhecimento, inspiração e leveza.

\*

Pelo exposto e pelo muito que ainda vai ser revelado nos próximos números desta revista, toda antologia que se edite no país pretendendo representar a nata de sua produção e toda história da literatura brasileira que não atente e nem contemplem, como vem ocorrendo, os principais autores uberabenses e a demais produção literária do país, com ênfase nos quinze grupos poéticos do interior mineiro atuantes desde a década de 1950, são destituídas de veracidade, autoridade e legitimidade, sendo aconselhável que, dado o vulto e complexidade da matéria a ser pesquisada e selecionada, sejam procedidas não apenas por um organizador, mas, por comissão de organizadores o mais possível eclética e diversificada.

O Editor

# O Autor

## JOSÉ HUMBERTO HENRIQUES



Nascido em 1958 na localidade de Brejo Bonito, município de Cruzeiro da Fortaleza, sito na região do Triângulo, nela cursa o ensino primário. Transferindo-se para Uberaba em 1969, prossegue e completa seus estudos nos cursos ginásial e colegial no Colégio Marista Diocesano, concluídos em 1975, no curso superior de medicina na Faculdade Federal de Medicina de Uberaba de 1976 a 1981, nas residências em Cardiologia e Terapia Intensiva em Ribeirão Preto e Cardiologia Infantil na cidade de São Paulo de 1982 a 1984, a partir de quando se estabelece profissionalmente em Uberaba.

Em 1994 inicia a publicação de sua obra com *O Livro das Águas*, poesias, atingindo atualmente (fevereiro de 2023), nada menos de 404 (quatrocentos e quatro) livros publicados eletronicamente na *Amazon*, onde podem ser acessados e adquiridos.

\*

Essa obra portentosa não se destaca apenas pela estonteante quantidade, mas, também pelos relevantes aspectos

da diversidade e da qualidade, abrangendo, no primeiro caso, os gêneros *romance, novela literária, conto, poesia, dramaturgia, crônica, ensaio e visual*.

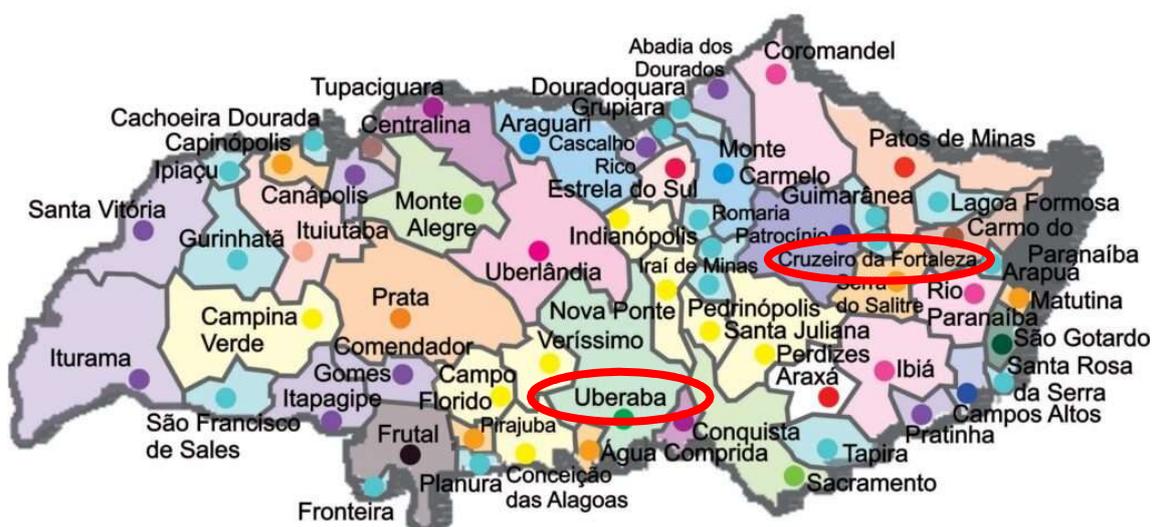
Sua vastidão não impede nem obstaculiza a qualidade, que atinge, apenas na ínfima parte que dela conhecemos, inúmeras obras-primas, a exemplo, no romance, de *Urucuia* (1997), *Coiote e Papa Léguas* (2000), *Bar do Birota* (2005), *Pernaiada* (2012), *A Travessia das Araras Azuis* (2012), *A Flor Frondosa do Jatobá* (2016) e *A Invasão do Rio de Janeiro Pelos Bárbaros* (escrito em 2009 e editado fisicamente em 2022), todos destacáveis pela excelência da simbiose entre a linguagem, a perspicácia e a autenticidade da criação; entre a apreensão e a fixação da natureza humana e a propriedade e sutileza dos relacionamentos estabelecidos entre as personagens.

Nos seus mais de 100 (cem) romances, além dessas obras-primas, salienta-se a série *A Tragédia Humana*, composta de 9 (nove) romances e 6.000 (seis mil) páginas, da qual se publica adiante, nos “Textos do Autor”, o primeiro capítulo do primeiro desses livros.

Na poesia, singulariza-se o inexcelável poema em prosa *Araguaia* (2010) e, no ensaio, a atilada *A Inutilidade da Estética* (2007).

Em José Humberto Henriques, qualquer pretexto desencadeia romance, seja ao pedir a Birota, em seu bar de Tiradentes/MG, que lhe mostre empoeiradas garrafas de cachaça no alto da prateleira (daí advindo *Bar do Birota*) ou placa rodoviária indicando a cidade de Fruta de Leite, no Norte de

Minas Gerais, da qual derivou a trilogia *A Dança dos Papagaios Vermelhos* (2012), *Fruta de Leite* (2013) e *Providência* (2013).



### **Região do Triângulo, entre os rios Grande e Paranaíba**

Esse prodigioso e produtivo contexto artístico só vem sendo possível nas proporções inimagináveis alcançadas dadas as faculdades criativas e elaborativas do autor, que não necessita rever seus textos e geralmente escreve três a quatro romances simultaneamente em computadores localizados em ambientes diversos “*para não misturar as personagens*”, como diz, além de às vezes ter até quatro romances na cabeça.

\*

À evidência, que tudo isso, toda essa performance e esse resultado, esteia-se em extraordinária capacidade perceptiva e elaborativa, que, por sua vez, se fundamenta em consistente e amplo saber e enorme soma de informações culturais, convenientemente assimilada e processada. Um fenômeno. O maior da literatura brasileira.

O Editor

**INDICAÇÃO**  
**AO NOBEL DE**  
**LITERATURA**

# Proposta



À ACADEMIA SUECA

PROPOSTA PARA O NOBEL DE LITERATURA

A **ACADEMIA DE LETRAS DO TRIÂNGULO MINEIRO** (CNPJ 20.057.758/0001-73 – Blog: [academiadeletrastm.com.br](http://academiadeletrastm.com.br) - e-mail: [altmuberaba@gmail.com](mailto:altmuberaba@gmail.com)), sediada na cidade de Uberaba, no Brasil, na rua Lauro Borges, nº 347 (CEP 38015-020), e os periódicos culturais eletrônicos **PRIMAX** (Arte e Cultura) (<https://revistaprimax.blogspot.com/>) e **NEXOS** (Estudos Regionais) (<https://revistaregionalnexus.blogspot.com/>), representada a primeira pelo seu presidente **João Eurípedes Sabino**, brasileiro, casado, engenheiro (RG/MG 13679016 – CPF 107.943.016-49 – e-mail: [joaoesabino@gmail.com](mailto:joaoesabino@gmail.com)), residente e domiciliado em Uberaba, na av. Francisco Pagliaro, nº 200 (CEP 38020-340), e, as segundas, representadas por seu editor e também membro e ex-presidente da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, **Guido Luiz Mendonça Bilharinho**, brasileiro, casado, advogado (RG/MG 10.920.515 – CPF 036.322.106-91 – e-mail: [guidobilharinho@yahoo.com.br](mailto:guidobilharinho@yahoo.com.br)), residente e domiciliado em Uberaba, na av. Leopoldino de Oliveira, nº 2925 – Ap. 1300 (Cep 38025-025), vêm propor a esse sodalício literário o nome do escritor **JOSÉ HUMBERTO**



**SILVA HENRIQUES**, brasileiro, casado, médico (RG/MG M-628.910, CPF 361.272.486-04), residente e domiciliado em Uberaba, com clínica na rua Floriano Peixoto, nº 238 (CEP 38010-190) para o Prêmio Nobel de Literatura.

### JUSTIFICATIVA

O escritor José Humberto Silva Henriques nasceu na localidade de Brejo Bonito, município de Cruzeiro de Fortaleza, sito na região do Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais.

É membro da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, da qual já foi presidente.

Não é escritor comum.

Trata-se do maior fenômeno literário brasileiro de todos os tempos.

Não só pela espantosa quantidade, em 20 de dezembro/2021, de 392 (trezentos e noventa e dois) livros escritos e publicados eletronicamente na *Amazon.com/Kindle* – *José Humberto Henriques*, dos quais mais de 30 (trinta) editados também em papel.

Mais ainda são relevantes nessa obra a alta qualidade estético-literária e a multivariada de gêneros, desdobrados em romances, novelas literárias, contos, poesias, peças de teatro e



ensaios, além de visuais, a oitava arte, em notável e singular contribuição literária e humanística.

Essa portentosa obra compõe-se de mais de 100 (cem) romances, mais de 100 (cem) livros de contos e mais de 100 (cem) livros de poesia, nos quais destacam-se inúmeras obras-primas singulares, criativas e inventivas.

Entre tantas delas, citem-se, exemplificativamente, no romance, entre outras, as obras-primas: *Urucuia* (1997), *Coyote e Papa-Léguas* (2000), *Bar do Birota* (2005), *Pernaiada* (2012), *A Travessia das Araras Azuis* (2012) e *A Flor Frondosa do Jatobá* (2016), além da extraordinária série *A Tragédia Humana* com seus 9 (nove) romances e 6.000 (seis mil) páginas, elaborada de 2003 a 2005. Há, ainda, entre seus mais de cem romances, o recém editado em papel, *A Invasão do Rio de Janeiro Pelos Bárbaros*, escrito em 2009.

*A Tragédia Humana*, livro de título corajoso porque se contrapõe ao título dos grandes romances do excepcional romancista francês, Honoré de Balzac. Quando a cigana depôs a mão sobre o ventre de Balzac, aturdida, falou que ali naquele homem havia a concentração maior da genialidade. Tudo reunido sob o nome de *A Comédia Humana*. Esse é o grande contraponto dessa maravilhosa obra de fôlego excepcional. São 9 volumes com esse título. *A Tragédia Humana* nasce no Brasil,



bem longe dos páramos daquele mundo francês de colheita extraordinária. Entretanto, cada volume traz um subtítulo distinto, o que de outra forma não teceria qualquer possibilidade de se fazer a leitura de tamanha obra.

De *Marionetes* a *Sacatrapos*, toda *A Tragédia Humana* trata dos bastidores da política e da sociedade no Brasil contemporâneo.

A individualidade de cada personagem é vasculhada até a proximidade da sensação física de sangue. Surgem as incoerências próprias da relação do Homem com o Poder, de sua relação com o Dinheiro e com os outros Homens. Esta é uma obra de vigor e que vai permanecer para sempre nos anais da Literatura Universal. Não se trata somente da análise escarafunchada do Brasil. O tema é universal. Porquanto escatológico, justifica a obra inteira o nome que tem. Em alguns momentos chega a ser lírica, mormente quando se enovela com os ditames da alma feminina e sua grandeza exponencial. O autor se rende a esse tipo de envolvimento.

Uma coletânea desse porte jamais poderia ter sido escrita por um escritor qualquer. Isso demonstra a grandiosidade desse autor que é ainda muito pouco conhecido em terras de cá, as tupiniquins. Ocorre que esse livro, todo o conjunto dos 9 volumes, deveria mesmo ser lido por quem gosta de literatura de



altíssima qualidade. A *Tragédia Humana*, sendo deveras corajoso e quase herético o título, depois de lido, demonstra que tudo cá está bem posto. E a *Comédia* passa a vigorar em um prato da balança pleno de contrapontos.

Esse livro surpreendente romanceia a vida de JK, de Oscar Niemeyer, de Pedro Ludovico Teixeira e de muitos outros ícones da história brasileira. Supõe-se que isso, ajuntado dessa maneira, seja o primeiro esboço de alguma alternativa terna para o resgate desse mundo conturbado. Esses homens são mostrados de uma maneira delicada e aparentemente sem controvérsias. Há muitas histórias em torno deles. E a relação de Juscelino com Niemeyer cai num jargão de demonstração ampla de como deveriam ser os homens de bem. Por outro lado, o romance trabalha de forma livre e alternativa com personagens absolutamente fictícios. É uma história que poderia ser chamada de escatológica – nesses termos políticos poderia ser *escatocrática* -, isso se fossem dela retirados os lirismos convencionais de um texto que tenta colocar num espelho a vida social e política do Brasil.

\*

Na poesia, apontem-se o inexecedível poema em prosa *Araguaia* (2010) e, no ensaio, *A Inutilidade da Estética* (2007), além dos referentes aos importantes romancistas brasileiros José Lins do Rego (2001) e Jorge Amado (2004).



Por sua vez, a pletora de prêmios conquistados em todo o país atesta a receptividade e o reconhecimento do valor dessa impressionante obra literária.

### ALCANCE E SIGNIFICADO DA PRESENTE PROPOSTA

O Prêmio Nobel – o maior, mais importante e mais célebre prêmio nos setores que contempla – consagra, universaliza e divulga a obra das pessoas que elege.

Contudo, dada a disseminação e fragmentação das fontes de informação contemporâneas e a eclosão de inúmeros centros de elaboração cultural (artística e científica), muitos dos seus valores ficam ou ficarão por muito tempo ignorados e desconhecidos.

É o caso do autor ora proposto que, sendo galardoado pelo Nobel de Literatura, terá sua considerável e fabulosa obra literária considerada mundialmente como merece, cumprindo, assim, esse Prêmio, um de seus mais importantes objetivos, que é de descobrir, reconhecer e proclamar valores.

Em anexo, seguem:

- 1- *Curriculum-vitae* com relação dos prêmios literários obtidos;



2- Relação das 392 (trezentos e noventa e duas) obras editadas e disponibilizadas na *Amazon* até o dia 20 de dezembro de 2021.

Por fim, os signatários colocam-se à disposição para prestar mais informações e remeter outros documentos, caso necessário.

Uberaba/Brasil, 12 de dezembro de 2022.

(assinado)

João Eurípedes Sabino

Presidente da Academia de Letras do Triângulo Mineiro

(assinado)

Guido Luís Mendonça Bilharinho

Editor das Revistas *Primax* e *Nexos*

# Curriculo

## JOSÉ HUMBERTO DA SILVA HENRIQUES

- Nascido aos 17/12/1958 em Brejo Bonito, distrito do município de Cruzeiro da Fortaleza, filho de Mário Henriques e Lezir Maria da Silva, agricultores. Devido à morte prematura do pai, criado com os avós, Amâncio José da Silva e Alzira Maria Borges, agricultores e comerciantes.



### **Brejo Bonito**

- Casado com Maria Inês Resende Valim Henriques e pai de Maria Clara Resende Valim Henriques.
- Curso Primário nas Escolas combinadas e Distritais de Brejo Bonito, de 1965 a 1968.
- Curso Ginásial no Colégio Marista Diocesano de Uberaba, de 1969 a 1972.

- Curso colegial no Colégio Marista Diocesano de Uberaba, de 1973 a 1975.



### **Colégio Marista**

- Ingresso na Faculdade Federal de Medicina do Triângulo Mineiro em Uberaba em 1976 e conclusão do curso médico em 1981.
- Residência em Cardiologia e Terapia Intensiva na Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto/SP – de 1982 a 1983. Especialista em Cardiologia pela Sociedade Brasileira de Cardiologia. Especialista em Terapia Intensiva pela Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto.
- Residência em Cardiologia Infantil no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia do Estado de São Paulo, em 1984, em São Paulo/SP. Especialista de Cardiologia Infantil pela Sociedade Brasileira de Cardiologia Pediátrica.
- Mestrado em Clínica Médica pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo/SP. Avaliação doppler ecocardiográfica do enchimento ventricular esquerdo em pacientes com marca passo

programável do tipo DDD, 1994. Dissertação (Mestrado em Medicina, Clínica Médica), na Universidade de São Paulo. Orientador: prof. Benedito Carlos Maciel.

- Primeiro livro publicado às próprias expensas, *O Livro das Águas* (poemas), em 1994.
- Medalha Calmon Barreto, do Governo do Estado de Minas Gerais, em novembro de 1999.
- Recebeu o título de Cidadania Uberabense em setembro de 2001, conferido pelo Poder Legislativo de Uberaba.
- Doutorado em Clínica Médica pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Tese: Polimorfismo da Apolipoproteína E et da Enzima de Conversão da Angiotensina em Índios Xacriabás, em 2002. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Orientador: prof. José Ernesto dos Santos.
- Recebeu o Mérito de Contribuidor Para o Desenvolvimento de Uberaba no ano de 2003, atribuído pela Câmara Municipal de Uberaba.
- Em fevereiro de 2005 foi agraciado com a Comenda “Progresso em Todas as Direções”, por relevantes serviços prestados à comunidade, oferecida pela Câmara Municipal de Uberaba.
- Em 2006 recebeu o título de Melhor do Ano pelos relevantes serviços prestados à Comunidade Regional de Patrocínio.

- Em 2006 foi destacado com a comenda Sesquicentenário da Cidade de Uberaba como personalidade que teve participação importante na promoção do município.
- Especialista em Medicina do Tráfego pela Associação Brasileira de Medicina do Tráfego. Perito desde 2008.
- Membro da Academia de Letras do Triângulo Mineiro – cadeira número 26. Presidente da Academia de 2011 a 2013.
- Em 2012 foi Major Donor (doador extraordinário), título conferido pelo Rotary Club Internacional. Membro do Rotary Club Uberaba Portal do Cerrado.
- Em agosto de 2013 recebeu o Troféu Carlos Drummond de Andrade, em Itabira/MG.
- Recebeu a medalha Dr. José Mendonça por destaque no meio artístico e cultural. Uberaba, 2013.
- Membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, sediada em Belo Horizonte/MG.



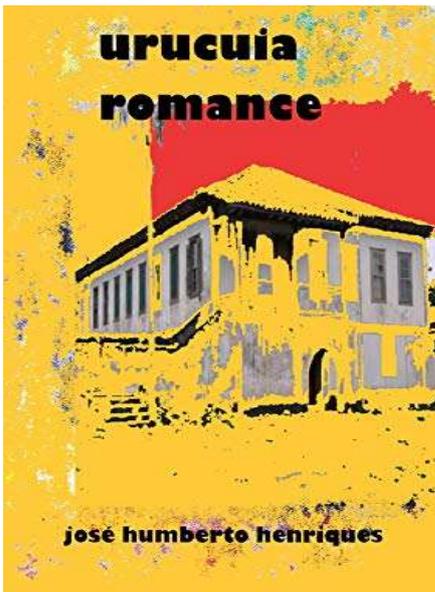
**Faculdade Federal de Medicina**

- 404 livros publicados até fevereiro/2023 na *Amazon*. Romances, novelas, poesia, dramaturgia, ensaios, crônicas, contos e visuais.

# Livros Publicados

## DISPONIBILIZADOS NA AMAZON

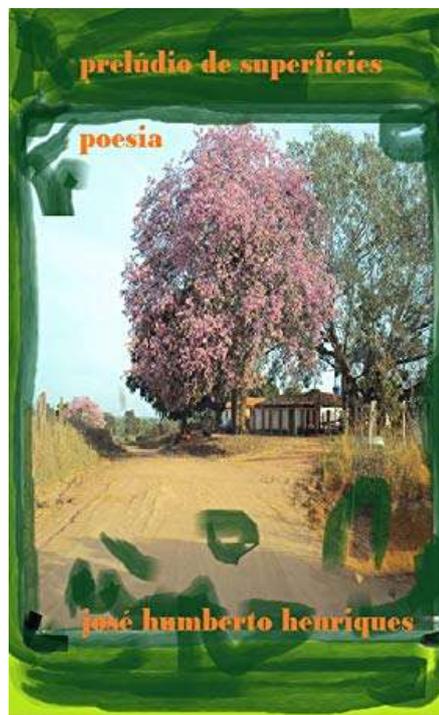
1. *O Livro das Águas* - poesia - 1994 - Editora Vitória -



Uberaba

2. *O Úbere da Cidade* - poesia - Editora Vitória - 1994
3. *Cavaco de Costela* - contos - Editora Vitória - 1995
4. *Jia* - poesia - 1995
5. *Terra: Araçá e Violino* - poesia - 1995
6. *A Costura do Riso* - romance - Editora Vitória - 1996
7. *Roxo-Rosa* - contos - Editora Vitória - 1996
8. *Floração de Guaxuma* - contos - 1996
9. *A Grande Sinfonia dos Sátiros* - poesia - 1996
10. *Colar Debulhado: As Contas* - poesia - 1996
11. *Farfaldado de Bolero* - poesia - 1996
12. *O Sono das Janelas* - poesia - 1996
13. *A Grega e a Revolução dos Sentidos* - poesia - Editora Vitória - 1997
14. *Urucuia* - romance - Editora Vitória - 1997
15. *Calendário Ilustrado do Músculo e da Estrela* - poesia - 1997

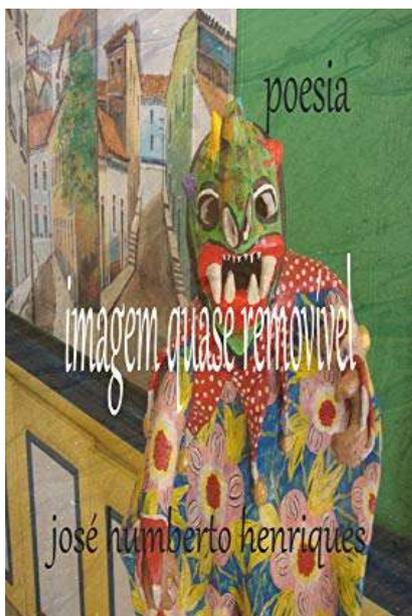
16. *Lelé Questões Acumuladas* – poesia – 1997
17. *Espectralha* – poesia – 1997
18. *O Pindura-Saia e as Monções de um Tempo Branco* – poesia - 1997
19. *A Margem de Duas Paralelas* – poesia – 1997
20. *Pio de Sanhaço em Abril Amarelo* – poesia – 1997
21. *Olhos de Louça Sem Polir* – poesia - 1997
22. *Despejo e Entornado* – poesia – 1997
23. *O Pescoço de Pedra da Cigana* – poesia – 1997
24. *Y Para Solidão* – poesia – 1997
25. *Vesperal da Lontra* – romance – 1997
26. *Cinquenta Poemas de Amor* – poesia – 1997
27. *Língua-Línguas* – contos – 1997
28. *Escadaria de Olhos* – poesia – 1997
29. *A Dança das Aranhas Equilibristas* – contos – 1997
30. *A Casa de Etelvina* – poesia – 1997
31. *Guta a Percha* – contos – 1998
32. *Bambu & Bumerangue* - contos - 1998 – Editora Formato - Prêmio Formato de Literatura – Belo Horizonte/MG
33. *Prelúdio de Superfícies* - poesia - Editora Vitória - 1998
34. *Firme Pulso de Mané Inácio em Olhos, Mãos e Fleme* - novela – 1998 – Prêmio Xerox Company – Editorial Cone Sul e



Revista Livro Aberto. II Festival Universitário de Literatura - São Paulo/SP

35. *Primeiro Movimento para Ternura e Ímã* – poesia – 1998 – publicado em 2011 - Paco Editorial

36. *Estripulias de Zé Teles* – contos - 1998



37. *Piçarra* – poesia – 1998

38. *Imagem Quase Removível* – poesia – 1998

39. *Limalha de Branco* – poesia – 1998

40. *Romance de Lodo* – poesia – 1998

41. *Pronome de Ilusão* – poesia – 1998

42. *Fábula dos Jardins Internos* – novela – 1998

43. *Perpetuah* – novela - 1999

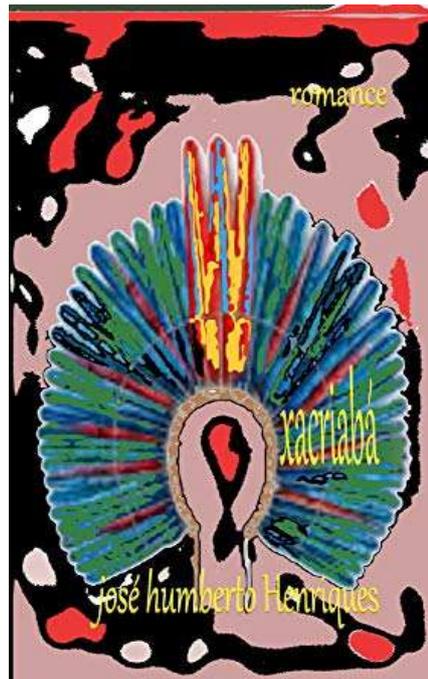
44. *A Causa de Divininha Rapa de Tacho* - novela - 1999 – Prêmio Xerox Company - III Festival Universitário de Literatura – Editorial Cone Sul e Revista *Livro Aberto* - São Paulo/SP.

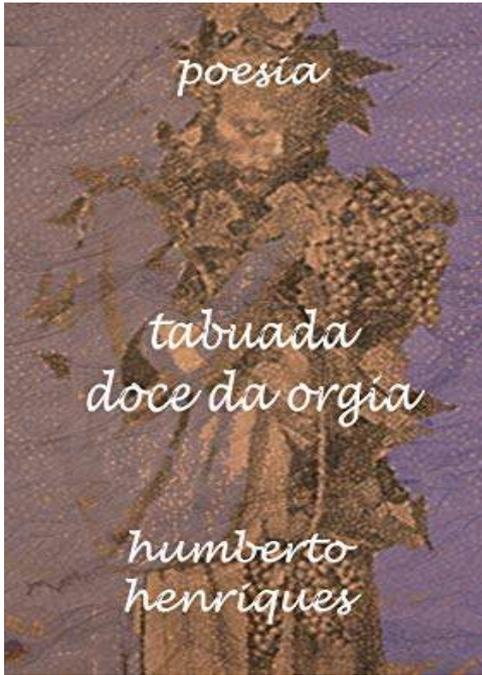
45. *Nhangüeara* - romance - 1999 - Prêmio Nacional para romances inéditos - TABA Cultural - Rio de Janeiro/RJ.

46. *Cangalha* – romance – Prêmio para romances da Fundação Cultural do Estado da Bahia – 1999 – Prêmio Mater Dei de Literatura 2000 – Belo Horizonte/MG – Editora Relume Dumará – Rio de Janeiro/RJ

47. *O Realejo e a Harpa* – poesia - 1999

48. *Vis Eco Moído* – poesia – 1999
49. *Quaradeiras de Pedras de Maria da Cruz* – poesia – 1999
50. *Queda Aversa da Pluma* – contos – 2000
51. *Eco Molhado Vis Vidro Moído* - poesia - 2000 – Editora Vitória
52. *O Grilo e a Canga* – novela – 2000 – Prêmio Xerox Company– IV Festival Universitário de Literatura – Editorial Cone Sul e Revista *Livro Aberto* – São Paulo/SP
53. *Xacriabá* – 2000 – romance – Editora Vitória - Uberaba
54. *O Empalhador de Cisternas* – poesia - Prêmio Taba Cultural de Literatura – 2000 – Taba Cultural Editora – Rio de Janeiro/2003
55. *Faca de Lume* – poesia – 2000 - publicado em 2011 – Paco Editorial
56. *Piros* – poesia – 2000
57. *Dados de Cinco Faces* – poesia – 2000
58. *Coiote e Papa-Léguas* – romance – 2000
59. *Serra da Ema* – contos – 2000
60. *Horda das Mangas Maduras* – romance –2000
61. *Andruska Sobrolhos do Nenúfar* – poesia – 2000
62. *Entre o Toureiro e o Pescador de Ostras* - contos – 2001
63. *A Imagem Segundo o Braço de Uma Cor Namorada* – poesia - 2001





64. *Tabuada Doce da Orgia* – poesia – 2001 - publicado em 2011 - Paco Editorial

65. *Todo o: Sustância* - poesia – 2001 publicado em 2011

66. *A Eternidade Relativa* – poesia – 2001

67. *Cartilha Passarográfica Básica* – poesia -2001

68. *Seda Nua e Lente* – poesia –

2001

69. *Fábrica de Textura* – poesia – 2001

70. *Alice e Gulliver / Amor & Espelho* – poesia – 2001

71. *José Lins do Rego - A Faca Afiada* – ensaio - 2001

72. *Bico de Lima* – poesia - 2001

73. *Escaravelhos em Gaveta Verde* – poesia – 2001

74. *Lua d'Água* – poesia – 2001

75. *Tijuco* – poesia – 2001

76. *O Pescador de Sombras* – poesia - 2001 – Prêmio Vereda Literária – 2002 – Uni-BH e Fundação Padre Anchieta

77. *Memória: Trança de Ruas* – poesia – 2001

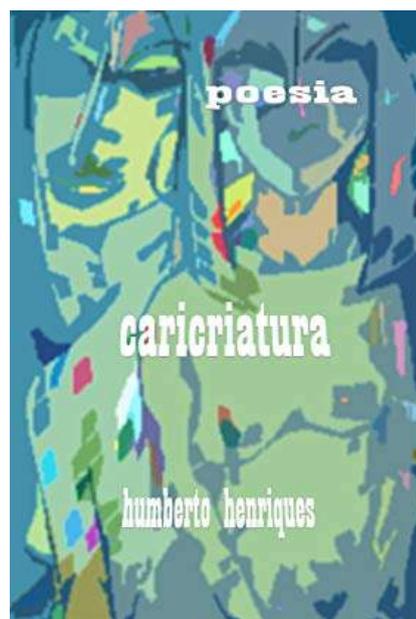
78. *Acasos de Pôr do Sol* - poesia – 2001

79. *Pequeno Tratado de Imagens* – poesia – 2001

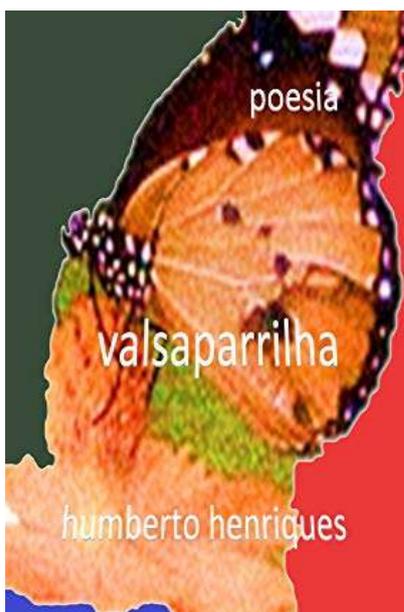
80. *Porta-retratos para Carlos Zéfiro* – poesia – 2001

81. *Luz de Silêncio em Cordões de Março* – poesia – 2001

82. *A Nascente das Pedras de Fogo* – romance – Prêmio Cora Coralina para Romances – Fundação Cultural do Estado de Goiás – 2002 – Editora Fundação Pedro Ludovico
83. *Glória e Agonia de Aspicuelta de Campoamor* – romance – 2002 – Prêmio Oficina do Autor – FUNARTE – MEC
84. *Casarão*– romance – 2002
85. *Estudo Para a Sombra do Silêncio* – poesia – 2002
86. *Lado Averso de Espiral* – poesia – 2002
87. *Hibiscos em Jardim de Bordel* – poesia – 2002
88. *Frinchas* - poesia – 2002
89. *A Quinta Lei de Lavoisier* – poesia – 2002
90. *A Mutilação Pelo Simples* – poesia 2002
91. *A Baleia* – poesia – 2002
92. *Côr Coralina e as Divisas dos Becos Recortados* – poesia – 2002
93. *Caricriatura* – poesia – 2002
94. *Garavato de Gravata* – poesia – 2002
95. *Noções de Física Alimentar* – poesia –2002
96. *Kalindronômio* – poesia – 2002
97. *Wind e o Xá das 5* – poesia – 2002
98. *Versão Segundo o Beque o Alferes e o Sapador* – poesia – 2002
99. *O Baile da Pedra e do Sapo* – poesia – 2002
100. *Avaria Concebida Cem Pecado Original* – poesia – 2002
101. *Viola de Caco de Cuia* – contos - 2003 – São Paulo/SP



102. *A Serpente e o Gavião* – romance – 2003 – Editora Vitória
103. *Umbigo de Dama Valsa Xadrez* – poesia - 2003 -- Prêmio Blocos Editora – Blocos Editora - Rio de Janeiro/RJ
104. *44 Serenatas em Damião Calisto* – romance – 2003
105. *A Menina que Fez Tranças no Vento* – infantil – 2003
106. *Cerrado* – poesia – 2003
107. *Catracas, Sarilhos e Taramelas* – poesia – 2003
108. *Geometria Trânsfuga* – poesia – 2003
109. *O Focinho do Peixe-Boi* – romance – 2003
110. *O Ponto Jê e a Dama de Copas* – romance – 2003
111. *Jonas e a Baleia y los Meseros* – romance – 2003

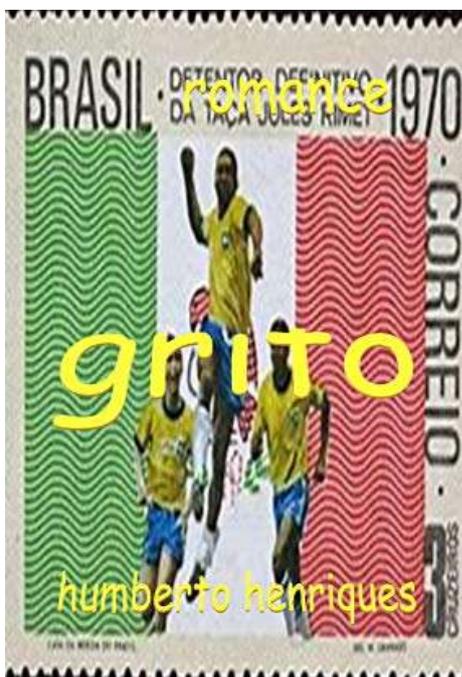


112. *Valsaparrilha* – poesia – 2003
113. *Sobre Sóbrias Sobras – Janela para o Subúrbio* – poesia – 2003
114. *Preciosa* – poesia – 2003
115. *Última Carga para a Fragata Libélula Libertad* – poesia – 2003
116. *A Tragédia Humana – Volume I: Marionetes* – romance – 2003
117. *Insurrecto* – 2004 – poesia.
118. *A Viseira do Camaleão* – romance – 2004
119. *A Valsa de Pavlov* – contos – 2004
120. *Rio Terreno* – poesia – 2004
121. *Wilhelm e Louis* – romance – 2004
122. *Todas as Mulheres de Jorge Amado* – ensaio – 2004
123. *Conforme Dita o Tempo a Cor se Diz Persa* – poesia – 2004
124. *Verbus Versus Verbis* – poesia – 2004

125. A Tragédia Humana – Volume II: *Mamulengos* – 2004
126. A Tragédia Humana – Vol. III: *Devolutos* – 2004
127. A Tragédia Humana – Vol. IV: *Malabaristas* – 2004
128. A Tragédia Humana – Vol. V: *Indecentes* – 2004
129. A Tragédia Humana – Vol. VI – *Ventríloquos* – 2005
130. A Tragédia Humana – Vol. VII – *Songamongas* – 2005
131. A Tragédia Humana – Vol. VIII – *Gembundos* – 2005
132. A Tragédia Humana – volume IX – *Sacatrapos* – 2005
133. *Bar do Birota* – 2005 – romance – ADEBRAC – MEC
134. *Goiabas Verdes* – poesia – 2005
135. *Mafalda e os Galos* – contos - 2005
136. *Lua/Jenipapo* – poesia - 2005
137. *Compacta* – poesia – 2005
138. *Todos os Símbolos de Ana Luz* – poesia - 2005
139. *Iepé Tucumã* – poesia – 2005
140. *Djógenes e os Theoremas* – poesia – 2005
141. *A Fortuna Desafortada de Quinzão de Castro* – novela – 2005
142. *Sambaíba* – romance – 2005
143. *O Quadrado da Palavra de Abdala Taiaégua* – novela – 2005
144. *As Vísceras e os Ossos* – contos – 2005
145. *O Peixe-Voador e o Colibri* – romance – 2005
146. *Certos Sigilos da Rua Krüger* – novela – 2005

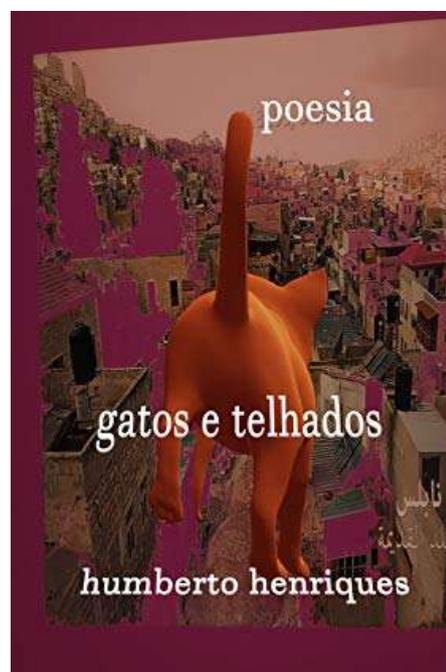


147. *Rêmora* – visuais – 2005  
 148. *Mijo de calango* - poesia - 2006  
 149. *A Perfídia e Uno Tango* – novela – 2006  
 150. *Trovões Nascidos ao Norte* – novela - 2006

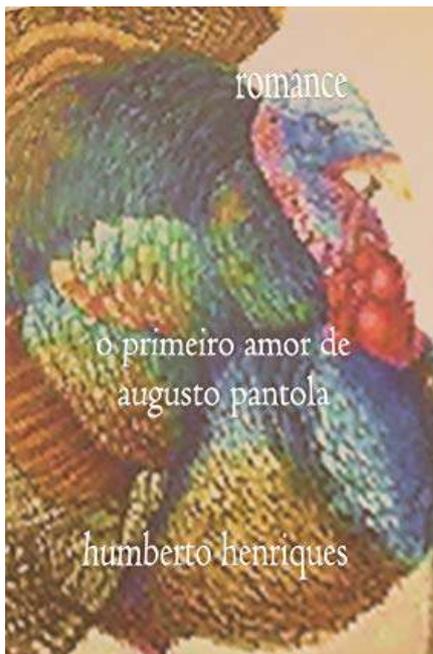


151. *Parida* – poesia – 2006  
 152. *Os Doze Trabalhos de Sinval Prexeca* – romance – 2006  
 153. *A Fuga das Zebras* – poesia – 2006  
 154. *Grito* – romance – 2006  
 155. *Hajdú* – romance – 2006  
 156. *Os Bálsamos de Santa Fé* – romance - 2006  
 157. *Éguas de Lamâpovul* – poesia – 2006  
 158. *Constelações e Porcos Para o Comendador* – romance - 2007 – AGEPEL – Goiânia/GO - Coleção Casa Brasil  
 159. *O Gafanhoto e a Solidão* – romance – 2007 – Oficina das Artes Yara Lins – Ministério da Cultura  
 160. *A Inutilidade da Estética* – ensaio – 2007 – Edições Muiraquitã do Conselho Municipal de Cultura de Manaus – 1º Lugar: Prêmio Gualter Limongi Batista para Ensaio – Prêmio Literário Cidade de Manaus. 2 edições.  
 161. *A Mola e o Diapasão* – dramaturgia – 2007  
 162. *Marsúpio* – romance – 2007  
 163. *Calunga* – romance – 2007  
 164. *Taru-Andé* – romance – 2007

165. *O Umbigo de Jean Jacques Rousseau* – dramaturgia – 2007
166. *A Viúva e a Melancia* – poesia – 2007
167. *A Fantástica Revolução do Chiste* – romance – 2007
168. *Aranjuez* – poesia – 2007
169. *Assucar* – poesia – 2008- publicado em 2011 – Paco Editorial
170. *Pilar* – romance – 2008
171. *Moça de Renda* – romance - 2008
172. *Ócio de Rabo Vermelho* – contos – 2008
173. *Gatos e Telhados* – poesia – 2008
174. *Calangotango* – romance – 2008
175. *Silence Box and the Dragon-Fly* – poesia em língua inglesa – 2008
176. *Dick Farney e os Jaós* – romance - 2008
177. *Ensaio Sobre o Exílio* – romance – 2008
178. *Bugigangas Elementares* – contos -2008
179. *Nouvelle* – romance – 2009 – Editora Vitória
180. *Gadget* – poemas visuais – 2009
181. *Le Tamis e Le Papillon* – poemas em língua francesa - 2009
182. *Misericórdia* – romance – 2009
183. *Una Pentola di Baleno* – poesia em língua italiana – 2009
184. *Lengua de Confins* – poesia em espanhol – 2009

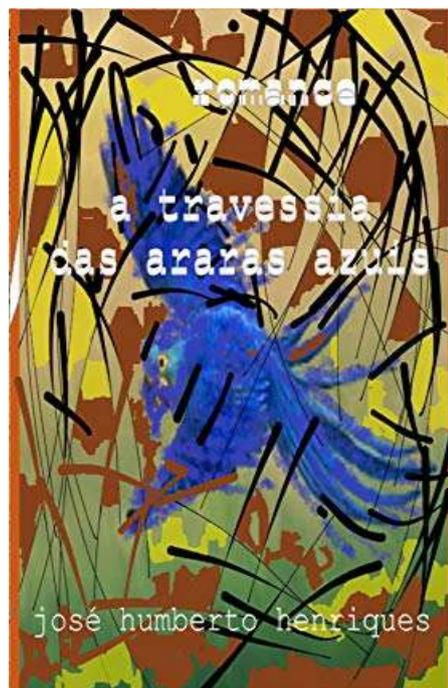


185. *Fényhatás – Brilho de Luz* - poesia – 2009
186. *Fatias de Brilho* – contos – 2009
187. *A Casa do Faisão Dourado* – dramaturgia – 2009
188. *Ossos de Vento* – poesia – 2009
189. *Vento de Ossos* – poesia – 2009
190. *O Primeiro Amor de Augusto Pantola* - romance – 2009

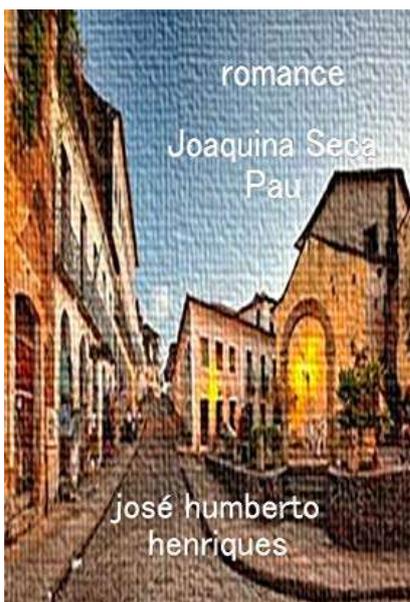


191. *A Invasão do Rio de Janeiro Pelos Bárbaros* – romance – 2009
192. *Crixás* – romance – 2010 – Editora Vitória
193. *Quatro Contos e Cem Réis* – contos – 2010
194. *Imagiteca* – visuais – 2010
195. *As Gengivas e a Viagem* – romance – 2010
196. *A Última Cotovia do Condado* – romance – 2010
197. *Samburá e a Campanha da Itália* – romance -2010
198. *Guariba* – romance – 2010
199. *Tonhão, o Indiozinho Apinajé* – poesia infantil – 2010
200. *Perdigotos de Cor* – poesia – infantil – 2010
201. *O Mapa Desconexo* – romance – 2011
202. *A Agulha e o Camelo* – romance – 2011
203. *Corgo do Vento* – contos – 2011
204. *O Averso do Verbo* – poesia – 2011
205. *O Pelo do Averso e o Verbo* – poesia – 2011
206. *Verbo em Pelo* – poesia – 2011

207. *Ligas e Cinturas* – poesia - 2011
208. *Os Olhos de Tarsila* – poesia – 2011
209. *112 Cães e Uma Raposa* – poesia – 2011
210. *Ossos de Borboleta* – poesia – 2011
211. *Voragem* – poesia – 2011
212. *Pernaiada* – 2012 – Prêmio Dalcídio Jurandir – 1º lugar –  
Fundação Cultural Tancredo Neves do  
Estado do Pará – romance
213. *A Travessia das Araras Azuis* -  
Prêmio de Literatura Cidade de  
Manaus – 1º lugar - 2012 - romance
214. *Néon* – poesia – 2012
215. *Alt-Door* – poesia – 2012
216. *Rua das Hortênsias* – poesia –  
2012
217. *Quartzo* – poesia – 2012
218. *Rambla MG* – poesia – 2012
219. *Lyryk* – poesia – 2012
220. *Cafuçú* – poesia – 2012
221. *10 Czardas* – poesia – 2012
222. *Fogo de Nascimento* – poesia – 2012
223. *Quebra-Rabo e a Valsa Torta* – romance – 2012
224. *Konzeption* – poesia bilíngue – português/alemão – 2012
225. *Quebra-Rabo* – romance – 2012
226. *A Dança dos Papagaios Vermelhos* – romance – 2012
227. *Amerquin Gangão no Pacari* – romance – 2013
228. *Fruta de Leite* – romance – 2013



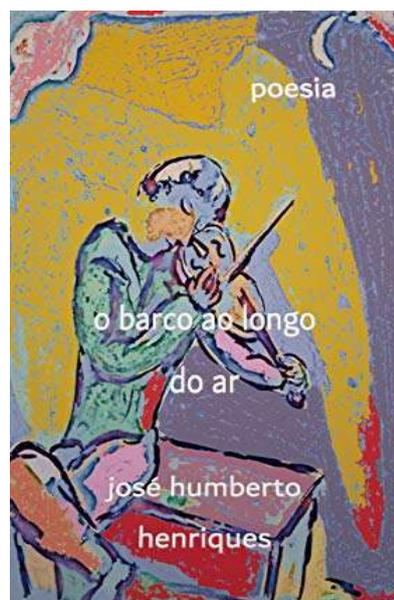
229. *Quebra-Rabo e as Serras* – romance – 2013
230. *Providência* – romance – 2013
231. *Nadadeira Central* – poesia – 2013
232. *Santiago y Santiago* – poesia – espanhol – 2013
233. *Labsyntho* – romance - 2013
234. *Caderno Para Borboleta Passarinho Rabisco* – poesia infantil - 2013
235. *Tanto a Letra Quanto a Estrela* – romance – 2013
236. *Loba* – romance - 2013
237. *Rascunho Bruto* – romance – 2013
238. *O Ovo o Mar o Penhasco* – poesia -2013
239. *Os Dentes do Meio do Garfo* – romance – 2013
240. *O Averso do Fole* – poesia – 2013
241. *Aliás* – poesia - 2013
242. *A Eternidade Relativa* – poesia - 2013
243. *O Núcleo Furtivo (O Olho)* – poesia 2014
244. *Las Chicas Dentro el Ojo del Búho* – poesía – español - 2014



245. *Logaritmo* – poesia - 2014
246. *Joaquina Seca Pau* – romance – 2014
247. *Estrelas de Arrabalde* – contos – 2014
248. *As Pontas do Círculo* – contos – 2014
249. *A Mãe do Ouro* – contos – 2014
250. *Molho de Pimenta e Nêsperas* –

novela – 2014

251. *O Bilboquê* – contos – 2014
252. *1.9.7.8* – contos – 2014
253. *Cascas & Remendos* – contos – 2014
254. *Flor de Eco* – contos – 2014
255. *O Excremento de Deus* – Prêmio Veredas Literárias 2015 – Universidade Federal de Goiás – 1º lugar - romance
256. *Tanto o Cabresto Quanto Queixo* – romance – 2015
257. *Antonin Dvorak, a Luva Sem um Dedo* – contos – 2015
258. *Os Quintais Daqueles Dias* – contos – 2015
259. *Pulpo Fiction* – contos – 2015
260. *Tunis* – contos – 2015
261. *As Libélulas Dentro do Espelho* – contos – 2015
262. *La Ville Futuriste* – poemas visuais – 2015
263. *Estudo Simples para a Indiferença* – contos – 2015
264. *Epopeya* – poesia – 2015
265. *Cenas Em Um Balcão* – poesia – 2015
266. *Além do Chapadão do Bugre* – contos – 2015
267. *Análise Pictográfica do Suspiro* – poesia – 2015
268. *O Barco ao Longo do Ar* – poesia - 2015
269. *Chão* – novela – 2105
270. *Viajante de Limo* – poesia – 2015
271. *As Saias Nômades do Vento* - poesia – 2015
272. *O Ninho Fotométrico* – poesia – 2015



273. *Araguaia* – ensaio – 2016 – Editora Vitória



274. *A Flor Frondosa do Jatobá* – romance – prêmio Veredas Literárias 2016 – Universidade Federal de Goiás – 1º lugar

275. *Forgeron* – poesia – 2016

276. *Pegadas de Raposa* – poesia – 2016

277. *Canasto* – poesia – 2016

278. *Raiz, Ramada, Uma Flor de Palavra em Tronco de Cada* – poesia – 2016

279. *Conta-Gotas* – poesia – 2016

280. *Lírios e Molas no Campo* – poesia – 2016

281. *Fechecler* – poesia – 2016

282. *Um Limoeiro em Évora* – poesia – 2016

283. *Tributo a Doca* – romance – 2016

284. *Mau-Mi-Quer* – poesia - 2016

285. *Artificialioso* – poesia – 2016

286. *Excelência, o Bacupari* – poesia – 2016

287. *Esses Céus o Porto* – poesia – 2016

288. *Flutuação de Espelhos* – poesia – 2016

289. *Preciosíssima* – poesia – 2016

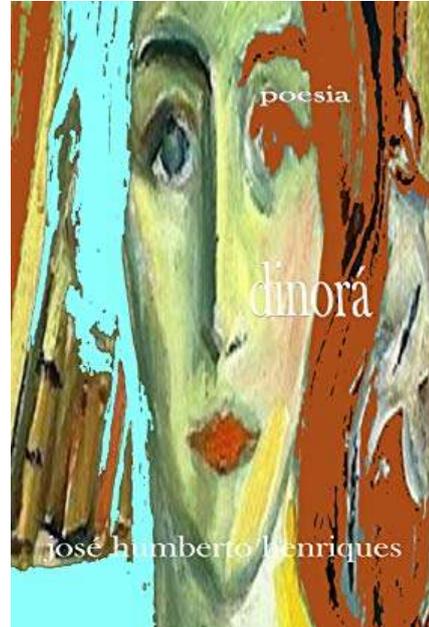
290. *Uma Parede de Andorinhas* – poesia – 2016

291. *Manhã com Travesseiros Sem Pele* – poesia - 2016

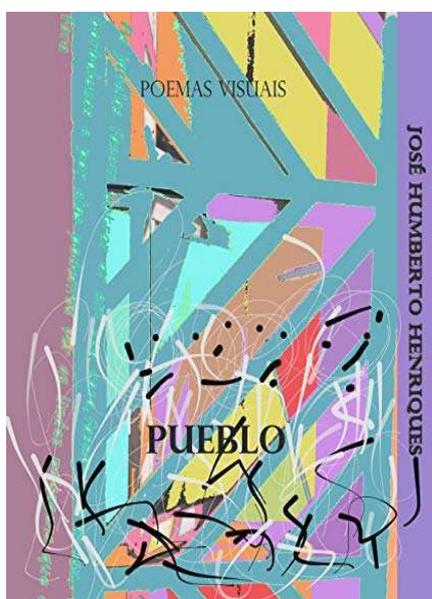
292. *Quase Cordel* – poesia - 2016

293. *Um Morango Sobre a Pedra* – poesia – 2017

294. *A Curva do Arco-Íris* – romance – 2017
295. *A Língua Bífida dos Trívios* – contos - 2017
296. *Paca da Mão Branca* – romance – 2017
297. *Oco de Mundo* – poesia - 2017
298. *Os Anjos Vomitam Antes das Sete* – poesia – 2017
299. *Tremedal* – poesia - 2018
300. *Dinorá* – poesia – 2018
301. *Lamã & Unt* – visuais – língua romena – 2018
302. *A Nudez dos Miolos* – poesia - 2018
303. *Ludikus* – poesia - 2018
304. *Elastikus* – poesia - 2018
305. *Telurikus* – poesia - 2018
306. *As Bagas da Linfomania* – novela - 2018
307. *Do Zero ao Parafuso* – poesia - 2018
308. *O Pente do Arco-Íris* – poesia - 2018
309. *Corrumaça* - novela - 2018
310. *Breakfast com Andy Warhol* – romance – 2018
311. *A Sombra Circular do Calor* – romance – 2018
312. *A Revolução dos Sentidos* – poesia – 2018
313. *Um Cacho Com Oito Uvas* – contos – 2018
314. *Esboços e Rascunhos de Geraldão, o Duca* – poesia – 2018
315. *O Canto Mavioso do Objeto* – poesia – 2018
316. *O Bairro Um Palmo Acima do Chão* – Romance – 2018

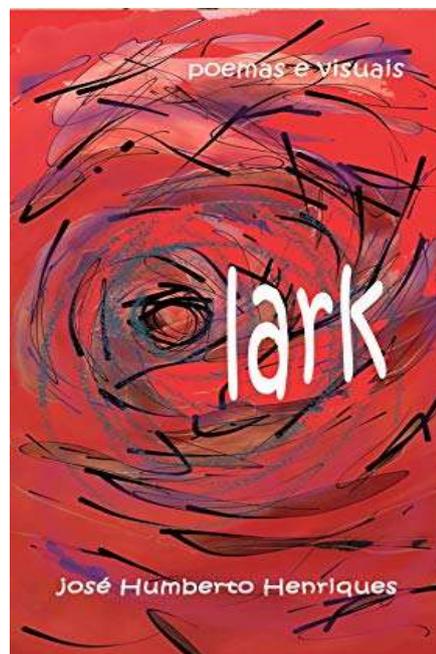


317. *Como Alimentar a Luz com Milho e Cuscuz* – poemas e visuais – 2018
318. *O Relatório Peña* – romance – 2019
319. *O Corredor dos Assustados* - romance – 2019
320. *Samurai* – poemas e visuais – 2019
321. *Gado de Sorte* – visuais – 2019
322. *Subúrbios & Sobrados* – visuais – 2019
323. *Edmundo dos Símbolos* – visuais – 2019
324. *Considerações Apócrifas Sobre Pecado e Inocência* – contos – 2019
325. *Miximxim* – contos – 2019
326. *Drops* – visuais – 2019
327. *Pescador de Languita* – contos -2019
328. *Taturana Bezerra* – romance – 2019
329. *Volere/Volare* – poemas e visuais – 2019



330. *Chora Rita* – visuais – 2019
331. *Redenção* – poesia – 2019
332. *Pueblo* – visuais – 2019
333. *Aldehuela* – visuais – 2019
334. *Portocaliu* – poemas e visuais – 2019
335. *Alma: No Singular* – poesia 2019
336. *Urubu-Rei* – visuais – 2019
337. *Sala dos Espelhos* – poesia – 2019
338. *Carmencita e os Garotos de Finisterra* – poesia – 2019
339. *Eco & Umbrã* – visuais – 2020

340. *Conceição do Pará* – poesia – 2020
341. *Preguiçosa e Desatenta* – poesia – 2020
342. *Dalila no Alpendre* – poesia – 2020
343. *Desenho e Rascunho* – poesia – 2020
344. *Ao Longo da Palavra e do Esmeril* – poesia 2020
345. *Modelos de Brincos Conforme o Mostruário em Couro de Mamute* – visuais – 2020
346. *Geração Cosmogônica em Folha e Pau* – poesia – 2020
347. *Faluah* – poesia 2020
348. *O Mergulho do Mais Leve Que a Água* – poesia – 2020
349. *O Bico-de-Pimenta em Galhada de Vento* – poesia – 2020
350. *A Pedra Líquida* – poesia – 2020
351. *Question Mark Butterfly* – visuais – 2020
352. *Buğday* – visuais – 2020
353. *Grilos Urbanos* – poesia – 2020
354. *Cimitarra* – visuais -2020
355. *Lark* – visuais -2020
356. *A Invasão dos Bicudos* – contos – 2020
357. *Espanta Cavalo* – romance – 2020
358. *O Movimento de Gel dos Varais* – poemas e visuais – 2020
359. *A Grande Feira* – poesia – 2020
360. *Ao Sul da Miragem* – poesia – 2020
361. *A Lã e o Barro* – poesia – 2020
362. *Indaiá* – contos – 2020

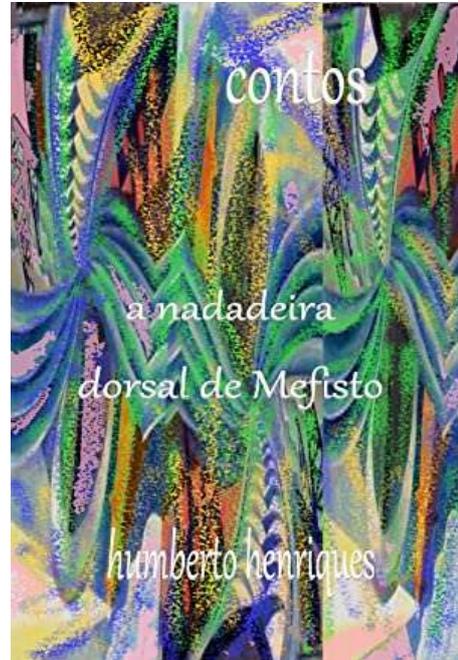


363. *Emburrada* – contos – 2020
364. *Pecado Original* – romance – 2020
365. *Toda a Obra Reunida e Comentada* – sinopse das obras reunidas – 2020
366. *Cobra de Duas Cabeças* – visuais – 2020
367. *Judas e o Cubo* – visuais -2020
368. *Sassafrás* – poemas e visuais – 2020
369. *Meus Tios Bermadeu e Condinete* – novela – 2020
370. *Antonieta* – novela – 2020
371. *Lenda Urbana* – poesia – 2020
372. *Planta Baixa do Brejo Bonito* – ensaio – 2020
373. *Divina Coisa, Profana Divindade* – contos – 2020



374. *O Miolo do Sussurro* – poesia – 2020
375. *A Pedra no Calcanhar* – contos – 2021
376. *Malcriada* – romance – 2021
377. *Bigorrilho* – poesia – 2021
378. *A Resistência da Matéria* – poesia – 2021
379. *Quenta-Sol* – novela – 2021
380. *Retalhos Suspensos no Cometa* – poemas e visuais – 2021
381. *Caio Júlio César & Rosa* – poemas e visuais – 2021
382. *Buquira* – romance – 2021
383. *Vitória-Régia* – poemas e visuais – 2021
384. *As Lágrimas dos Santos* – contos – 2021

385. *Rio Vermelho* – poemas e visuais -2021
386. *Botos Caçam em Grupo* – ensaio e visuais – 2021
387. *Fantato e as Bolachas de Água e Sal* – romance e visuais -  
2021
388. *Óleo Diesel, Bueiros e Grades* –  
novela – 2021
389. *A Nadadeira Dorsal de Mefisto*  
– contos – 2021
390. *Cidadão Antônimo* – poemas e  
visuais – 2021
391. *O Lado Defletido dos Amores* –  
novela – 2021
392. *Canabinol, Cheiro Canhoto* –  
dramaturgia – 2021
393. *Aniagem* – poemas e visuais – 2021
394. *Trapeçeria* – poemas e visuais – 2022
395. *Rasura e Pele* – poemas e visuais – 2022
396. *Beco dos Aflitos* – crônicas – 2022
397. *As Cinco Estações ao Longo do Vulto* – poesia e visuais –  
2022
398. *Calendário de Borracharia* – poemas e visuais – 2022
399. *Dispersão da Alma, o Tempo* – contos - 2022
400. *Guardados de Dona Isolda* – poesia – 2022
401. *Romamç* - romance – 2022
402. *A Língua Esfoliada* – poesia – 2022
403. *Tantos Lugares* – novela - 2022
404. *Colônia Liberdade* – novela – 2023



# Prêmios Literários

1. Prêmio Internacional Guimarães Rosa 1996 - Radio France Internacional – Paris/France - Menção Honrosa - Conto: *Clemente e o Manequim*



2. Prêmio Internacional Mulher em Prosa e Verso 1997 – Editora Alba –Varginha/MG - Conto: *A Mulher Entre o Doce e o Veneno*

3. Prêmio Internacional Talento em Prosa e Verso - Editora Alba - 1997 - Menção Honrosa - Crônica: *O Cisma* - Conto: *Canga de Grilo* – Varginha/MG

4. Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte - 1997 - Governo do Estado – MG - 1º lugar - Volume de Poesia - *Olhos de Louça Sem Polir*

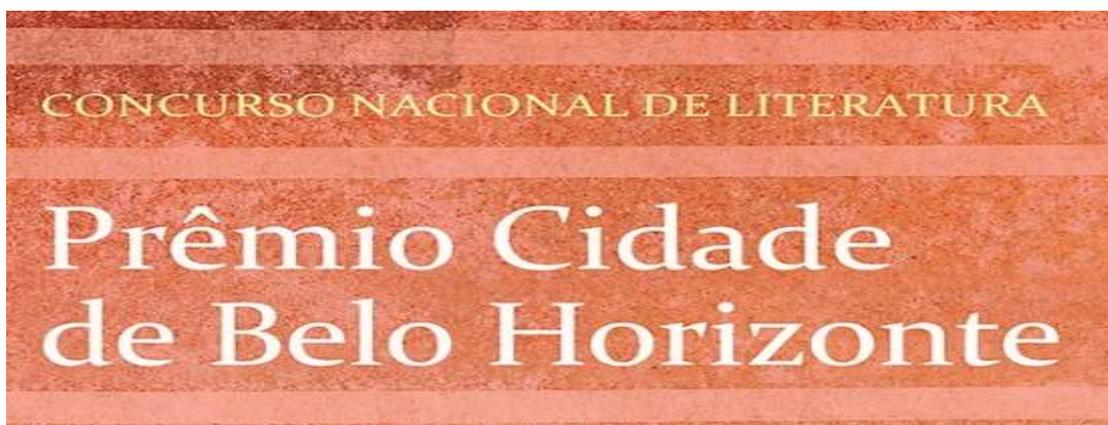
5. Prêmio Nacional Centenário de Belo Horizonte - 1998 - Editora Formato - Belo Horizonte/MG - 1º lugar - Volume de contos: *Bambu & Bumerangue*

6. Prêmio Nacional do Instituto de Poesia Internacional - 1998 - Porto Alegre/RS Coletânea - Rio Tocantins
7. Prêmio Nacional Literário de Outono - 1998 - Edições AG - São Paulo/SP - 1º lugar - Conto: *Avaliação de Proporções Feita Por Tonhão Apinajé Sobre e Em Um Corpo de Tucano*
8. Prêmio Nacional Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 1998 - Roque Gonzalez/RS - 1º lugar - Conto: *O Homem* (Última palestra com Mário Palmério)
9. Prêmio Nacional Editora Alba - 1998 - Varginha/MG Coletânea de Poesia - *Luzes e Seios*
10. Primeiro Prêmio Mosaico de Literatura - 1998 - gênero: Poesia - Marabá/PA - Menção Honrosa - Obra: *A História de Maru Zan Jerereba e a Anunciação de Espectros e Voo*
11. Prêmio Internacional - Primeiro Concurso do Condado de Broward - 1998 - Destaque Especial para o Conjunto de Obras
12. Prêmio Nacional I Concurso de Contos José Veríssimo - 1998 - Marabá/PA - 1º lugar Obras: *A Diáspora - O Lugar.*
13. V Prêmio Escriba de Poesias - 1998 - Piracicaba/SP - Menção honrosa - Obra: *Réquiem Para Amante Supurado.*
14. Concurso Nacional de Livros Inéditos - Prêmio Murilo Rubião - 1998 - Varginha/MG - 1º lugar - Contos - Livro: *Viola de Caco de Cuia.*
15. Concurso Nacional de Livros Inéditos - Prêmio Carlos Drummond de Andrade - 1998 - Varginha/MG - 2º lugar - crônicas - Livro: *Guta a Percha*

16. Concurso Nacional de Livros Inéditos - Prêmio Murilo Mendes - 1998 – Varginha/MG - 2º lugar - Poesia - Livro: *Congonha*
17. Concurso Nacional de Livros Inéditos - Prêmio Mário Palmério - 1998 – Varginha/MG - 2º lugar - Romance - Livro: *Vesperal da Lontra*
18. VIII Jogos Florais da Cidade de Amora - 1998 - Junta da Freguesia de Amora – Amora/Portugal - 1º lugar - Conto: *A Flutuação do Branco em Soma e Nada.*
19. II Concurso Nacional Literário de Primavera - 1998 - São Paulo/SP - Edições AG - 1º lugar - Conto: *O Caboclo d'Água.*
20. Prêmio Literário Cidade de Conselheiro Lafaiete - 1998 - Conselheiro Lafaiete/MG - 5º lugar - romance - *Torre Através, Leste e Pássaro*
21. Prêmio Literário Cidade de Conselheiro Lafaiete - 1998 - Conselheiro Lafaiete/MG - 2º lugar - conto - *Trabinésio e a Verificação de Uma Luxúria Sem Pecado.*
22. Concurso Nacional de Poesia Patrícia Galvão - Pagu - Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro - 1998 - Rio de Janeiro/RJ
23. Concurso Nacional de Contos Clarice Lispector - Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro - 1998 - Rio de Janeiro/RJ
24. 1º Concurso de Poesias G.L.P.A. - 1998 – Caratinga/MG - 1º Lugar - *A Grande Sensualidade Feita de Cuspe e Barro e Sementeira*

25. 8º Concurso Nacional de Contos Luís Vilela - 1998 – Ituiutaba - Menção Honrosa - Conto: *Os Três Buracos Por Onde Passa o Rio*.
26. 11º Concurso Nacional de Poesia Dr. Paulo Meirelles - 1998 - São Lourenço/MG - 1º Lugar - Obra - *Cinquenta Poemas de Amor Entremeio as canções de Escárnio*.
27. II Festival Universitário de Literatura - 1998 - Xerox Company - São Paulo/SP - 1º Lugar - Novela: *Firme Pulso de Mané Inácio em Olhos, Mãos e Fleme*
28. 9º Concurso Nacional de Obras Publicadas - 1998 - São Lourenço/MG - 1º Lugar - Romance - *Urucuia*
29. 9º Concurso Nacional de Obras Publicadas - 1998 - São Lourenço/MG - 1º Lugar - romance - *Geomorfosintaxe do Riso*
30. Prêmio Destaque - 1998 - Caxias do Sul/RS - poesia - *Página e Rua e um Beco de Pedras de Maria da Cruz*
31. 11º Concurso Nacional de Poesias Dr. Paulo Meireles - 1998 - São Lourenço/MG - 1º Lugar - *Quaradeiras de Pedras de Maria da Cruz*.
32. II Festival Universitário de Literatura - Revista *Livro Aberto* - Xerox Company - 1998 - São Paulo/SP - Menção Honrosa - poesia - *Quaradeiras de Pedras de Maria da Cruz*
33. Concurso Literário Escritores do Ano 2000 - 1998 - Grupo Editorial Hoje - Editora Koinonia Sul - Jornal *Hoje* - Ideias Literárias - Conto: *Puração do Bilboquê*
34. 1º Concurso Nacional de Poesia Casa do Poeta Riograndense - Grupo Metáfora - Porto Alegre/RS - 1998 - Menção Honrosa especial.

35. 4º Concurso Nacional de Contos Cidade de Uberaba - 1998 - Uberaba - Menção Honrosa - Conto: *Indaiá*
36. I Prêmio Nacional Tabá Cultural de Literatura - Rio de Janeiro/RJ - 1998 - 1º Lugar - Romance: *Nhangüeara*.
37. I Prêmio Nacional Tabá Cultural de Literatura - Rio de Janeiro/RJ - 1998 - 3º Lugar - Romance: *A Torre Através, Leste e Pássaro*.
38. III Concurso Nacional de Poemas Euclides da Cunha - Marabá/PA - 1988 - 1º Lugar - *Os Feitiços das Quaradeiras de Pedras de Maria da Cruz*.
39. III Concurso Nacional Literário do Outono - Edições AG - 1999 - São Paulo/SP - 1º Lugar - Conto: *Indaiá*.
40. Concurso Nacional Literário "O Amor na Literatura" - Prêmio de Edição - Casa do Novo Autor Editora - Obra: *Poemas de Amor* - 1999 - São Paulo/SP
41. 4º Concurso Nacional e Internacional de Contos e Poesias "Poeta Nuno Álvares Pereira" - Editora Valença - Rio de Janeiro/RJ - Conto: *Eleatrice Flor de Inverno*
42. Concurso Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte - versão 1999 - Menção Honrosa - Belo Horizonte/MG - volume de contos: *Pedras de Fogo*



43. Concurso Nacional de Relatos Eróticos - Editora Bloch - Rio de Janeiro/RJ - 1999 - 1º lugar Conto: *Entre a Cicatriz e a Corrente*
44. I Concurso de Contos da Academia Dorense de Letras - 1999 - Boa Esperança/MG - Menção Honrosa - Conto: *A Flutuação do Branco em Soma e Nada*
45. 2º Prêmio Missões - 1999 - Roque Gonzalez/RS - Menção Honrosa - Conto: *O Ouro num Engaste feito em Nada.*
46. Oficina do Autor - Funarte - Ministério da Cultura - 1999 - 1º lugar – Brasília/DF - Romance: *Glória e Agonia de Aspicuelta de Campoamor.*
47. III Festival Universitário de Literatura - Xerox e Revista *Livro Aberto* - 1999 - São Paulo/SP - 1º lugar - Novela: *A Causa de Divininha Rapa de Tacho.*
48. IV Concurso Internacional Literário de Primavera - 1999 - Edições AG - São Paulo/SP - 1º lugar - Conto: *Estudo da Densidade Dentro dos Olhos.*
49. I Jogos Florais Internacionais da Associação Social e Cultural de Almancil - Portugal – 1999 - Menção Honrosa - Conto: *Sonhos de Emigrante.*
50. 8º Jogos Florais do Alto Douro - Portugal - 1999 - Menção Honrosa - Conto.
51. Concurso Literário Prêmio Cidade de Conselheiro Lafaiete - Conselheiro Lafaiete/MG -1999 - 1º lugar - Conto: *A Fruição das Luzes.*
52. Concurso de Contos Cidade de Uberaba - Uberaba - 1999 - Menção Honrosa - Conto: *Serra da Ema.*

53. IX Concurso de contos Paulo Leminski – Toledo/PR – 1999 – Menção Honrosa – Conto: *Cravo e Rosmaninho, Rosas Reversas*.
54. Concurso de Contos do Sindicato dos Escritores do Estado de Alagoas – 1999 – Maceió/AL. 1º Lugar: *O Pesponto do Riso da Hiena*.
55. Concurso Nacional de Relatos Eróticos - Bloch Editora - Rio de Janeiro/RJ - janeiro de 2000 - 1º lugar - Conto: *Dona Kiki da Surpresa Surreal*.
56. V Concurso Literário Nacional de Primavera – Edições AG – 2000 – São Paulo/SP – 1º lugar - Conto: *A Mulher que Tinha Duas Luas no Nariz*.
57. II Concurso Nacional de Literatura – 2000 – Taba Cultural Editora – Rio de Janeiro/RJ – 3º lugar: Romance: *Vesperal da Lontra*.
58. II Concurso Nacional de Literatura – 2000 – Taba Cultural Editora – Rio de Janeiro/RJ – Menção Honrosa: Contos: *Viola de Caco de Cuia*.
59. Concurso Nacional de Literatura Matei Dei para o gênero romance – Ministério da Cultura – 2000 - Belo Horizonte/MG – 1º Lugar: *Cangalha*
60. Concurso Prêmios Culturais – Literatura – romance – Fundação Cultural do estado da Bahia Salvador/BA. 1º lugar: *Cangalha*
61. Concurso Literário da Freguesia de Amora 2000 – Junta da Freguesia de Amora – Portugal – 2000 – menção honrosa – Conto: *A Mulher que Tinha Duas Luas no Nariz*.

62. 11º Concurso de Contos Paulo Leminski – Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Toledo/PR – 2000 - 1º Lugar: *Uma Nobre Razão Para Senhorinha*
63. IV Festival Universitário de Literatura – Editorial Cone Sul e Revista *Livro Aberto* – 2000 – São Paulo/SP – 1º Lugar – Novela: *Canga e Grilo*
64. IV Festival Universitário de Literatura – Editorial Cone Sul e Revista *Livro Aberto* – 2000 – São Paulo/SP – Menção honrosa – Novela: *Orelício e a Impulsão da Existência*
65. IV Festival Universitário de Literatura – Editorial Cone Sul e Revista *Livro Aberto* – 2000 – São Paulo/SP – Menção honrosa - Poesia: *O Empalhador de Cisternas*.
66. 13º Concurso de Contos Paulo Leminski – Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Toledo/PR – 2000 - 3º Lugar: *A Esfera e a Ilusão*
67. Concurso Literário Nacional Taba Cultural – Rio de Janeiro 2001 - 1º Lugar: Poesia: *O Empalhador de Cisternas*
68. Prêmio Nacional Literário Taba Cultural 2001 – *A Nascente das Pedras de Fogo* – Menção Honrosa para romance – Rio de Janeiro/RJ.
69. 1º Prêmio Nacional Vereda Literária – 2002 – Uni-BH, Autêntica Editora e Fundação Padre Anchieta – Menção Honrosa – Poesia: *O Pescador de Sombras*
70. 3º Prêmio Blocos de Poesia – Rio de Janeiro/RJ – 2002 – *Umbigo de Dama Valsa Xadrez*
71. Prêmio Cora Coralina de Literatura – Goiânia/GO – 2002 - 1º Lugar - Romance – *A Nascente das Pedras de Fogo*

72. X Concurso de Contos Jorge de Andrade – 1º Lugar – Conto: *Flor de Eco* – Barretos/SP
73. Concurso Nacional de Literatura 2002 – 3º Lugar – Poesia – *O Realejo e a Harpa* – Taba Cultural Editora – Rio de Janeiro/RJ
74. Concurso Nacional de Contos Alberto Renart – 1º lugar – *Serra da Ema* – Fundação Cultural Cassiano Ricardo – São José dos Campos/SP
75. Prêmio para Romances “Centenário de Maria Helena Cardoso” – Academia Mineira de Letras – Belo Horizonte/MG – *A Nascente das Pedras de Fogo* – 2º Lugar
76. XI Concurso de contos Jorge de Andrade – 1º lugar – Conto: *Água* – Academia de Letras de Barretos– Barretos/SP
77. 13º Concurso de Contos Luís Vilela – Conto: *A Flutuação do Branco em Soma e Nada* – Ituiutaba – 2004
78. I Concurso de Literatura da Cidade de Manaus – 1º Lugar: ensaio: *A Inutilidade da Estética – Uma Visão Intestina da Questão*. 2006
79. XX Concurso Nacional de Contos Cidade de Araçatuba – 1º lugar – *As Pálpebras do Voo*. Araçatuba/SP
80. XIII Concurso Nacional de Contos – Prêmio Jorge de Andrade – Barretos/SP – Menção Honrosa - *Entre os Olhos da Santa, a Pedra e o Calango*.
81. Concurso Nacional de Literatura Prêmio Cidade de Belo Horizonte 2008 – Menção Honrosa - contos: *As Vísceras e Os Ossos*.

82. Prêmio FEPAM 40 anos (Fundação Educacional de Patos de Minas) – 2008 – 1º lugar. Conto: *O Resumo da Abstração*.
83. 18º Concurso de Contos Luís Vilela – 2008 – Menção Honrosa – conto: *A Língua Bífida dos Amores*
84. 43º Festival de Música e Poesia de Paranavaí 2008/PR. 40º Concurso Literário de Contos – 3º Lugar – *O Brilho da Ilusão Perfeita*
85. XLI concurso de nacional de contos Abdala Mameri – 2010 – Araguari. 1º Lugar – conto: *A Floração das Gabirobas*
86. Prêmio Dalcídio Jurandir de Literatura 2010 – Secretaria de Estado da Cultura – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. 1º lugar – romance: *Pernaiada*
87. IV Prêmios Literários Cidade de Manaus 2011 - Prêmio Álvaro Maia – romance – 1º lugar – *A Travessia das Araras Azuis*



88. 22º Concurso de contos Paulo Leminski 2011 – Toledo/PR – conto – menção honrosa: *Os Três Lados do Quadrado*
89. 24º Concurso de Contos Paulo Leminski – 2013 – Toledo/PR – 2º lugar – conto: *Lalena, os Sapatos e os Ovos*

90. V Prêmios Literários Cidade de Manaus 2013 - Prêmio Álvaro Maia – romance – 1º lugar – *O Dente do Meio do Garfo*
91. Concurso Coleção Vertentes – Universidade Federal de Goiás – 1º lugar – romance – *O Excremento de Deus* – 2015
92. Concurso Coleção Vertentes – Universidade Federal de Goiás – 1º lugar – romance - *A Flor Frondosa do Jatobá*.
93. Prêmio Darci Ribeiro 2017 – Câmara dos Deputados e Congresso Federal – Oferecido pelo conjunto de obras e representatividade literário em âmbito mundial.

# TEXTOS DO AUTOR

# Nota Editorial

## Capítulo de Romance

### O TEMPO NO ESPAÇO

Texto radiculoso, perpétuo e radioso o do primeiro capítulo do romance *Marionetes*, da série Tragédia Humana, de José Humberto Henriques.

Silfo no mais plano do planalto central do Brasil em momento mágico, espectral, perdurável e eterno como o sonho humano.

A realidade e o poético. O concreto e o onírico. Nada tão e tanto.

O onírico na concretude. O concreto na idealidade.

Juscelino e a flor do cerrado. Juscelino e o cerrado. Juscelino em Brasília.

Faixa na terra e ponto no sonho.

O humano na máxima grandeza.

O antes e o depois. O nada e o tudo.

O tempo na travessia do espaço.

## **O Conto**

### **O INDÍGENA E A AVE**

O menino e o tucano, suas possibilidades. Conto de encontro. Entre um e outro. Suas desmedidas desproporções. A linguagem extravasando os conceitos, palmilhando trajetória entre a vida e o mundo na perspectiva de indígena e menino, de menino brasileiro indígena.

## **A Poesia**

### **A RUPTURA DO CONVENCIONAL**

Acima e à parte. A invenção, a criação. Extrapolamento de confinamentos e limitações. A inteligência e a sensibilidade. Matrizes do poético.

A palavra no espaço. Fusão e transfusão.

## **Visuais**

### **A OITAVA ARTE**

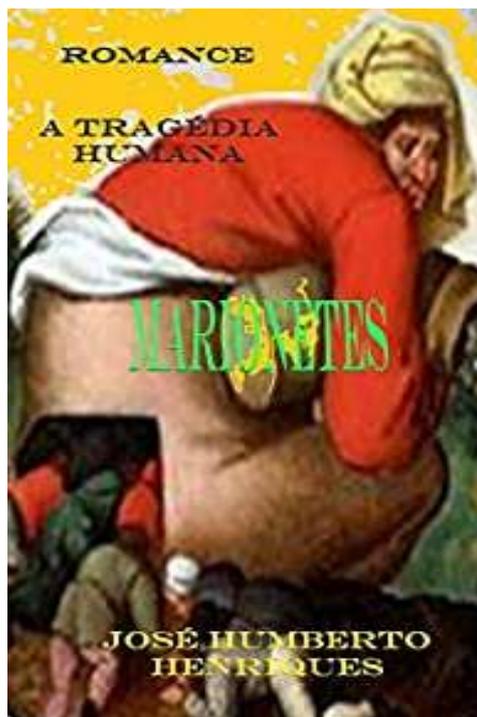
A arte nova. A pluridimensionalidade perceptiva. Sua efetividade. Nem desenho nem pintura: Visual. A nova arte.

O Editor

# Romance

## Capítulo I de *Marionetes*

Brasília amanhecera com a carga revirada para duas paralelas. Havia um fornido de sons discretos entre as substâncias das rodas e seus automóveis. Quem olhasse a difusão do todo e a hierarquia da composição com tintas, ocres e verdes espalhados, por certo que não diria que as paralelas se encontram na dimensão do horizonte ou depois que a primeira esquina compõe mil possibilidades de alcance. Em cada homem que ousava erguer-se do leito mais cedo havia uma espécie de lei universal – que lhe cabia com imersão e sustenido, sabedor que vivia numa das cidades mais bonitas do mundo. Quando a manhã se erguia nos ápices do céu, que mais o sol fugia em direção ao distinto das alturas, mais o lugar se encorpava e se incorporava, a ponto de sentir falta e chorar a ausência de uma perdiz no seio de seus capins de chapadão. As perdizes que dividiam com os gaviões a prole da ninhada plena de doze ovos de cada vez. As moitas com as ninhadas e os produtos roxos, o ovo ao mais grave



sopro da cor encorpada. Um roxo que não se detecta em qualquer outra eventualidade ou objeto.

A única cidade do mundo, que mais jovem do que as outras, foi responsável pela tutoria das mais antigas. Dizer-se em outras palavras, única filha que pare e gere as mães. E continua sendo assim, embora se veja nela – e mesmo sem fazer esforço para a visão – uma necessidade de libertação do mesmo tamanho e ousadia de seu projeto inicial. A sua carga revirada sempre para duas paralelas. Se um esquadro se assanha e percorre outro eixo, nem por isso a ilusão de sua existência se transforma em outra espécie de anarquia. O esquadro apanha o tamanho do rumo e se enoda em torno de si mesmo, formando uma confluência entre espaço e um tempo futuro. Muito jeito há em se afirmar a imagem em ângulos, se assim pode ser admitido, o que está ali naquele instante e ocupa um lugar entre as fragatas do universo, pode na verdade nem estar, pois que lida o quadro com um tempo futuro. Portanto, provavelmente ainda inexistente, desde que não seja uma imagem de solidez anterior. A regra que faz o conclave de uma beleza simples, porém extraordinária, mantém-se a mesma desde os dias em que os arquétipos de sua solidão começaram a ser projetados em um sonho sem facas. E que as perdizes voaram quando as primeiras máquinas – as patolas e escavadeiras – espantaram também os gaviões-brancos e os gaviões-pedreses. As ovadas sendo trituradas sob os aços que fundavam a capital federal do Brasil. Tudo ia de embrulho, como diziam mesmo os avós dos avós. Coisa centenária, dizer que as coisas todas iam de embrulho. E pronto.

Somente uma criatura sabe o que Niemeyer sentia quando criou: a própria Criação. A Cidade. Parece óbvio. E não há como dizer que não é assim. Todavia, a aparência da simplicidade não é tão arguta, a ponto de reduzir ao abstracionismo toda a memória de um tempo espiral. Somente Niemeyer tem sobre a mesa um peixe fossilizado que saiu da terra pelas mãos de Juscelino. A história que nunca foi contada, por ser íntima o suficiente para ser respeitada por todos aqueles rumos de memórias imemoriais. Um peixe fossilizado não conta o relato da infraestrutura, mas traduz a grandeza da elaboração e do sonho. Portanto, não se esquece e vira o ornamento de uma lembrança profunda. Arquétipo de um tempo e de uma lida de raízes enfiadas em terra funda.

Numa dessas fotografias que se gravam para a posteridade, quando Niemeyer esteve nas beiradas de cerrado, que as nascentes de chapadão e todos os córregos do Macaco que trançam cordilheiras invertidas na superfície da terra, sentira a grandeza de um projeto jônico. Brasília vinha com atributos femininos em seu nascedouro. E tinha que ser arredondada em seus contornos – era afinal a diva e não um toureiro com os garfos nas mãos. Em sua face de arquiteto havia uma esperança de que o gongorismo das atribulações não desse conta do futuro daquele lugar. Seus olhos variavam de tom para tom. Embora não soubesse muito bem que a saracura sozinha já conclama a vertente das lágrimas que uma terra é capaz de soluçar, devagar foi deixando que aprumassem os contornos de alguma coisa que pudesse sair do chão e alçar voo somente com a ingerência da

forma. Assim é que contribuía para a realização da densidade leve que nasce do concreto. Os paradoxos iluminam o simples e cotidiano. A saracura de bico esverdeado e longas pernas rubras, uma que remexia em moluscos das beiras do corgo do Macaco, fora ela a avezinha que solucionou a sua forma do movimento estabelecer-se como imagem. Niemeyer estendia a leveza ao raro da Estética simples e quase feminina. O dom de cinturas bambas. Aquilo dava recorte e manutenção à sua criação.

O arquiteto sonhava em entender-se com o mundo, não com os homens, como acaba sendo toda proposta que se alicerça nos buracos da Estética – ela por si mesma. Se houvesse dos homens a compreensão do estado lúdico, a coisa muito maior do que seu estado funcional, já seria uma grande vitória, um prestígio desmesurado. Observava-se a sua posteridade em um retrato que carregava ventos junto. As velas pandas soltas de navio que atravessava o ritmo e a recarga de um mundo cristalino, com identidade própria. Fizeram um marco em beira de um arroio de águas muito claras e frias. Largava-se entre a ideia e os crepúsculos a forma completa que estava para nascer. O Arquiteto pediu a um candango uma caneca de folha-de-flandres, pois que os ventos que assanhavam os seus cabelos também eram os mesmos que ressecavam a moela dos sentidos. Tinha sede. Queria beber daquela água tocada por algas de um verde muito em estado de decomposição, principalmente as mais superficiais. Córrego quase profundo se comparado ao tamanho de seu leito. Estreito, no entanto, fundo. As algas mais profundas eram de um verde desesperado e com dificuldade é que se

enxergava ali, mais para a cama onde dormem as areias, algum peixe e nenhum cardume. Somente lambaris, dos miúdos e que têm as escamas ponteadas pelo envelhecimento que acolhe os mais erados. Quando mergulhou a caneca e observou a limpidez da água, em si arquitetava a vontade de beber de outra forma: Com a boca estendida diretamente à corrente, assim como fazem o cordeiro, o lobo e a garça. Despejou a água da caneca entre os drapejos do capim seco e viu a terra chupar aquilo com avidez.

Uma sensação de impotência tomou conta de seus prelúdios e Niemeyer entendeu que devia somente acompanhar o movimento da mão que desenha, feito um compasso sem segredos. E que tudo deveria ser redoma, céu e um estado cujo crepúsculo pode ser enxergado por todos os cavalos que puxam a biga do dia. Alguns sentimentos já nascem aparados. E toda a sensibilidade pode ser revertida em prol de um mundo muito estético. Foi assim que concebeu em si o lugar, o regato, os ventos e uma saracura que procurava larvas nos barros da beirada. Quando se ajoelhou e se deitou sobre o capim das margens do corgo do Macaco, o arquiteto bebeu fartamente. Uma divindade paradoxal dava ao homem o enredo de um esforço primitivo. Desde que era criança não mais bebera diretamente da corrente. Aquilo era salutar. Ouviu a voz do operário atrás de si. Uma voz que dizia coisas que vinham de longe:

- Descem muito macias e redondas as águas desses mananciais de meio de chapadão, não é, Doutor?
- Nem nunca vi igual. Deve ser um cristal muito limpo que rege as nascidas de todas elas!

- O barro aqui não tem alma suja!
- Leve como pena de garça!
- A gente aqui não suja a alma!

Para um homem que sabe que entre a palavra e a ave pernalta pode residir uma ilimitação de eternidade, estava pronto o acervo de todos os mapas de um futuro muito imediato. Foi assim que nasceu Brasília. O jardim, os jardins, tudo que o Arquiteto julgava harmônico passou a se conceber como parte absoluta do que antes já era imortal. E, arredondou o movimento do braço, de sorte tal que todos os seus projetos brindavam entre a garça – quiçá a saracura – e o movimento que recria o voo. E se as formas eram ogivais, algumas movediças demais em direção ao oval ou ao circular, de repente, vinha um bico de socó-boi e se inseria na gradação do que se criava. Quando o vento batia em seus cabelos para compor o retrato, com um modo superintendente de simplicidade, acercou-se do presidente Juscelino e mostrou o resultado final de uma inspiração equilibrada e com tons de branco ou azul claro, pois que se o peso não tinha cor, conforme acentuava, pode ser que o sonho de torná-lo voo se transformasse na imagem imaginada. O Presidente deu um sorriso sem enigmas e bebeu um gole farto de parati. Ofereceu outro gole ao Arquiteto, e, uma vez brindaram. Havia entre os homens um gesto nobre que deixava à revelia toda e qualquer situação constrangedora. A fidúcia entre um e outro determinava a coalizão de todos os aspectos desejados para que uma obra tivesse conclusão plena de sucesso. Viam-se como homens que se respeitam. E bastava como assinatura de um

compromisso digno. Todas as formas enviavam-se para um contorno muito cinturado ou paradigmático, o que em Estética não desarranja o continente. As frases do operário não saíam da cabeça de Niemeyer, uma vocação de som simples, porém perene. Que naquele lugar a alma não se sujava nem poderia ser suja por um nada de intenção.

Brasília sempre amanhece com o espírito alongado de sóis anteriores. Nunca perdeu a verve. O mesmo vento do dia em que Niemeyer se agachou para beber e que havia um candango atrás dele a dizer coisas limpas. As paralelas muito apuradas convergem para a liberdade de toda expressão ser bonita. Não há uma única vez em que os bem-te-vis e as árvores de tento não administrem o silêncio quando uma trégua de automóveis cisma em ser mais atinente do que a verbosidade do som. Os pneus que riscam o formato de belzebus excepcionais sobre o asfalto. A concepção de um quadro ou de uma ária tem a mesma composição de um lugar assim. Somente Brasília tem na divindade seu segredo de genética. Quando Niemeyer bebeu da água do pequeno Macaco – um dos tantos córregos que desabam nas cavas de brejo do lugar, as chapadas e algumas veredas que ainda se mantêm intactas, sentia na travessia do vento a magia dos ditos de tempos muito brasis. A coisa que o corroborava como grande – e como maior sempre foi e mais se engrandeceu – foi preservar a alma de um ponto do universo cuja genética não era a ele totalmente esporo. Instrumento, o que foi. E manteve-se. E fora – com o verbo *ir* a tiracolo. Foi assim que nasceu a construção. Com seus chapéus-de-frade e as taiobeiras esparsas

em lugar mais úmido. E a saracura a avermelhar a solidão das beiras do córrego do Macaco, lisa como um som de flauta-doce.

Em momento que vislumbrou a planta plana da cidade, Juscelino brindou mais uma vez, bebeu seu gole de parati e comentou coisas leves e alvissareiras com o Arquiteto. Numa tarde de mês de setembro, quando os ventos do lugar são secos demais, depois do restilo, o parati, Juscelino saiu em busca de umas coisas que ele não sabia o que eram. Uma saudade esquisita de um mundo que parecia estar muito distante. Com seus modos corteses, convidou Niemeyer para conhecer umas novidades que descobrira naquele planalto deserto. Havia já trilhos espalhados por toda a ravina. A planície que se estendia até se perder de vista, quando os olhos se afastavam dos núcleos formados pelas casas de tábuas dos candangos, tinha uma confusão elástica se era comparada com os horizontes. Ainda em setembro, o pio das perdizes cruzava de fora a fora, formando em cada um dos homens a opinião de que saudade demais é coisa que pode, de facto, matar. Os tempos das serestas em Diamantina ficavam cada vez mais distantes. Calçadas altas e runs cheios de barbatanas de alienação. Juscelino, com uma prece de menino e um modo espevitado dentro dos olhos – porquanto estivesse sempre calmo -, explicava.

- Quero te mostrar, ó Niemeyer, um acidente geográfico que há aqui no meio dessas árvores de pau-terra e pequi. As árvores mais ordinárias que há – segundo dizem os operários, esquecidos de que no mundo não se ordenham árvores nem delas se faz o nome vagabundo!

Caminharam os homens a distância de quase um quilômetro em linha reta. O presidente Juscelino punha nisso um prazer engrandecido. De repente, olhou uma vara fincada no chão, uma que servisse de marco. Parecia um menino que quisesse demonstrar a novidade a um amigo. Os paletós de ambos já iam cheios das felpas que os capinzais soltam. Algumas sementes já querendo estar maduras, outras secas demais e que vinham das estações anteriores. A vara fora fincada por ele mesmo. Marcara o lugar. Então, aproximou-se com um sorriso de vitória nos lábios. Pensou que não pudesse mais encontrar a marca. A extensão dos deslimites era enorme ali. Mesmo quando a perdiz piava, era com dificuldade que o pio seguinte punha contraponto ao anterior. Achara. E sorria como um menino, mais uma vez. O arquiteto estava curioso. Alguma coisa muito especial o homem tinha a deduzir. Seus olhos estavam ávidos como olhos de menino que acaba de saber para que serve uma biloca muito lisa e brilhosa.

- Vou te mostrar uma coisa muito curiosa!

Abaixou-se e apontou o dedo, de cócoras estava, para uma flor que parecia um capucho de espinhos. Rubra até o mais alto grau do vermelho, era única e Niemeyer jamais havia visto outra igual àquela. Flor simples, esticada sobre uma haste de vinte centímetros, devia contar-se nela o tamanho de uma bola de bilhar. O arquiteto riu, devolvendo a simpatia. Mostrava ao Presidente que compreendia a sua conduta de homem que se quer preservar. Sabiam os dois que as máquinas iam destruir aquela coisa simples. Todavia, admitiam o enredo do que urdiam

como simples símbolo. O Arquiteto, embora amigo íntimo de Juscelino, calou-se, naquele instante. Sabia que o Presidente queria dizer qualquer coisa com aquele gesto de levá-lo ali para apreciar uma flor isolada no meio do deserto. Naquele momento havia uma ausência grande de pássaros na ravina, mesmo daqueles que descem muito e são rasteiros, os comedores de semente de capim. Salvo fosse um engano, de vez em quando uma arara cruzava as lonjuras altas. E somente. O Presidente abaixara-se para acariciar a flor. Tinha um modo de dizer as coisas que abrigavam a obrigação de um sentido mais apurado. De fato, as serestas com violão plangente de Diamantina estavam longe demais.

- Pétalas dela são de quase ser um espinho. Com a mão se pode sentir. Parece que está adaptada pelos séculos para sofrer sede em grau menor. E não forma turma, não faz colônias!
- Como é o nome dela?
- Não sei. Cada um diz uma coisa. Trouxe já uns doze operários aqui. A metade diz que nunca viu espécime assim. A outra metade, cada um deles de uma região do país, diz nomes muito distintos um do outro. Teve um que falou que isso é flor de mata-barata!
- Não conheço pelo nome, muito menos pelo apelido!
- Vejo mata-barata por aí, muitas redes da planta. Explicam que mata-barata é veneno de altas cargas. E se vejo muita rede de mata-barata, não vejo as flores que deviam ser frutos dela!

- Fenômenos alguns que a gente não entende!
- Há os dias que já nascem segredo!
- Segredos que já se assumem dia!

Juscelino caminhou por ali, andou alguns passos e em seguida, virou-se para Niemeyer e perguntou, meio alheio ao mundo. Como se analisasse a simplicidade que já nasce sintética.

- Será que poderíamos caminhar um bocado mais, por aí? No rumo, por exemplo, daquele meio brejo que se insinua acima?

Mudaram a marcha para lá. Dali podiam ainda ouvir os gritos dos mestres-de-obras, os sons de tambor de algum macete sobre os encaixes de estacas. E caminharam, conforme foi sugerido. Depois de um passeio longo, o Presidente sempre a olhar para o chão, por fim encontraram o que ele procurava. Outra flor como aquela. A haste fincada no solo, sólida. Longa e com cerdas em torno dela. Depois, a flor rotunda, cheia de cabelos de incubo. Espinhosa. Era bonita de fato. E dava, a quem visse depressa, a impressão de ser um ornamento sintético, desses que costumam enfeitar – ou enfear – as mesas dos apartamentos dos centros urbanos. Feitas com polietileno ou derivados sintéticos da cor. O que tenta mimetizar, nem sempre com bom resultado, os estados simples de uma flor do cerrado. As cores ficam sedentas, marasmáticas, cheias de uma devoção de vida negada. As flores feitas de plástico perfeito.

- Aí está outra. Anteontem caminhei em torno do lugar o dia inteiro e não avistei mais nenhuma. Se houvesse um

modo, com jeito, poderíamos preservar o que é assim simples!

- Não sei não. Se não estou enganado, aqui vai ser aninhada a Esplanada dos Ministérios. E as máquinas não têm o olho que a imaginação humana pode ter, mesmo que seja a imaginação de um presidente. De qualquer forma, vai sobrar sombra por aí a fora, suficiente para que se tenha aqui a cidade mais bonita do mundo. Se não, pelo menos a mais exótica e deslumbrante. Temo somente que o futuro tenha cargas de mau-gosto!
- Sei disso. Todavia, a euforia do sonho de agora desmistifica o que deverá ser o maremoto de amanhã. Tem que ser assim. Há uma alegria muito contundente naqueles que constróem os moldes. Os homens simples que trabalham com os braços, certa euforia neles!
- Fácil de ver. Desde o primeiro dia que é assim. Vêem o projeto de enriquecimento rápido e fácil!
- Fruto de trabalho. Semente de trabalho e sua casca e opérculo. A planta inteira com suas vísceras!

O presidente Juscelino tinha dessas coisas. Gostava dos sofismas quase pragmáticos. Deixaram as flores balançadas por vento de todos os lados. As duas plantinhas ficaram, cada uma em seu lugar. Caminharam de volta e o Presidente entrou em seu alojamento sem dizer mais nada. Tinha o hábito de deitar-se algum pouco, seu tempo para pensar. Ficava ali, estendido a uma cama de campanha, o regulado de uma meia hora. Depois se

levantava em busca de uma xícara de café. Ajeitava sobre a barriga a cinta e passava a mãos aos cabelos lisos, deixava-os para trás, que naqueles momentos o efeito da goma que usava havia minguado. Um feixe teimava em cair sobre a testa e ele o punha junto com o redil inteiro. Mas era um sujeito que tinha uns instantes de melancolia muito prolongados. Saía de seu alojamento e afastava-se dos demais trabalhadores, aqueles que mais eram os cabeças que regiam a construção do lugar. Mantinha-se a uns passos distante, os dedos enfiados entre a cinta e a barriga, como se estivesse sempre admirado da grandeza que formava o mundo em torno. Olhava durante longo tempo. Apreciava usar calças largas e botas que recebiam o cano das calças dentro de sua perna de bota. Isso dava a ele uma imagem sulina bonita de ser vista. Quase que um gaúcho, se isso não fosse uma pecha guardada para o presidente Vargas. O estigma que se gravara em memória e não podia mais ser mudado. Se alguém se aproximava para dizer qualquer coisa, Juscelino virava-se com gesto cavalheiro, agradecia e dizia com sua voz meio anasalada, meio contralto. Estava sempre atento às menores demandas que a vida lhe exigia.

- Já vou. Estou indo. Dê-me um minuto que já vou!

Mantinha-se ali mais algum tempo. Entendia que num espaço como aquele o tempo tinha dificuldade para passar. Ria-se, com cara de um entendido em contrapontos. Um anjo sussurrava-lhe que o tempo para ser efetivo, ali, tinha que atravessar o espaço. Coisa mais sem pé nem cabeça. Metido em seus momentos de lazer a dedilhar o violão para serestas reais ou

a ler livros que versavam sobre metafísica, o Presidente não ia discutir com o Universo a razão de certos paradoxos e comichões que não dão trégua a uma cabeça que pensa. Era uma época em que os políticos, para serem, tinham pelo menos que saber ler e escrever. Havia certa preferência por temas mais cultos e o mundo não era um caminhão sem freios despencado pela ladeira. Um clima de honestidade vingava entre as criaturas que governavam e os formadores de opinião. A cada quilômetro percorrido havia uma vigia de esperança e possibilidade. Naqueles dias as palavras de Adorno vestiam a luva, as meias, a carapuça e as galochas no plantel vivo da terra. E não havia como ser diferente. E, como o furor da massificação e da destruição dos valores cresce de maneira geométrica – assim como os filhos são ensinados pelos teoremas que vomitam os pais – era assim, de fato, que as bandeiras do consumismo facilitador se deflagravam e afogavam a esperança de um estado mais claro de estética. A degeneração que ferve e não acha jeito de ser esbarrada. Vulgarizar-se-ia com o tempo a capital mais bela do mundo. Isso ia ficar por conta da prática política cheia de vermes.

Iludido, porém, que as coisas seriam sempre um processo melhorado, Juscelino tinha dias que não passava de um visionário que não pode cercar a carroça que se desmantela pela rampa do morro. Um visionário lúcido e tenaz, capaz de dar uma noção de melhoria aos destinos de um país atravancado pelo enredo da corrupção e da legislação em sentido do amor-próprio. Para se dizer em outra linha: que cada um se safe e meta a mão ao mais que puder. Sentia que as coisas transcorreriam bem se as

administrações fossem justas, mas que tudo descambaria se doravante os homens não se limitassem ao perjúrio e à fornicção. Já era bastante. Não seria isso que veria quando estivesse já exilado em outras terras. Veria a pândega, os alicerces ruídos e o Poder alegando que a ele tudo pertence e tudo é permitido.

Brasília amanhecia sempre com as corruíras encimando as paralelas. A Cidade traçada por um sol de estiva. Era bela, toda enfeitada com cimalthas e zimbórios, com palavras que ainda nem foram inventadas justamente pelo esquecimento delas e seus sons. Houve um tempo em que se mantinha ilesa, íntegra, mas tal enredo durou pouco devido à ambição que corrompe e não acha melhor meio de conduzir as rédeas sob aspecto de maior normalidade. Todavia, a desgraça que se acumulou sobre a Capital é história para ser deslindada muito além de simples atrocidades de palavras.

Quando a prática conta mais que o som de filosofias inconstantes, mais e melhor redundam a prática, pois é através dela que se constrói o negócio e seu objetivo imediato: o lucro. E Brasília foi lucro diante de todas as ofensas que um político pode fazer a um mundo público. Sempre foi. Sempre será, a menos que o Congresso seja dissolvido e todos os ladrões submetidos à deformidade que impede novos furtos. Não há solução para a coisa que se implantou: raízes profundas. Se Juscelino não queria isso, foi assim que as coisas se implantaram e a teia se estendeu, de sorte tal que, é bonito ser assim: desonesto e velhaco, desde que o Poder seja o bastão que controla a tachada do doce que se

mexe. Lucro e furto em todos os escalões que vigiam o Poder. Quase ninguém escapa, é assim que se mantém o corte das extorsões. Quem não entra no esquema é descartado e substituído. Quem é substituído, morre politicamente.

Houve um dia, Juscelino Kubitschek examinava um pôr do sol dentro das chapadas do lugar. Estava afastado do acampamento e sozinho. Havia um pau-terra muito retorcido na solidão do descampado. Seus olhos se moviam em direção a tudo que se movia, menos para as hastes longas do capim de chapadão. Que os olhos já haviam se adaptado ao movimento que o vento imprimia às touceiras de capim. De longe, muito perdido para os lados do acampamento, os sons vinham e estavam quase sumidos. Eram os martelares sucintos e os gritos dos homens, porque acabava de chegar a primeira leva de prostitutas que devia alegrar os motivos da vida andar. Seria a primeira refrega promissora, antes da chegada dos filhos delas, os políticos. Uma festa quando aquilo acontecia. Juscelino não entendia muito bem quanta alegria move o trabalhador quando sente o cheiro de vulva. Que a balbúrdia se resumia na chegada das rameiras. Entendia que era viável – até mesmo imprescindível que assim fosse, mas dele fugiam as formas da apresentação. Estaria ali mais um dia apenas, depois, teria que partir para despachar em Palácio. As prostitutas ficariam e implantariam no lugar um gueto longo e que duraria muitas décadas depois. Para os homens, não importava o quão cheirasse a pândega, eles o que queriam: somente rosetar. Como fica impresso na palavra nada casual e no ordenado da vulgaridade. A cambada de putas que

chegou do sul. Eles diziam. Mas muitas eram do norte e isso não representava diferença. Não importava a mula manca, queriam mesmo era rosetar.

Esqueceu-se o Presidente Juscelino das bulhas que ouvia. Deviam estar fazendo uma festa muito parecida com escarcéu. Aquele lugar era interessante, ele observava. Não havia nenhum dos operários – mesmo aqueles mais graduados e que chefiavam a grande expedição, que eram seus engenheiros e mestres de confiança, demais administradores - que não se sentisse libertado de mundo antanho diante da extensão dos horizontes inigualáveis que se bebiam ali. Todos os homens se lançavam em tom de uma liberdade que os outros pontos da terra, já ocupados e explorados, não eram capazes de oferecer. Ele mesmo, sensível e dono de boas cargas de observação, mantinha-se no envolvimento que aos demais cabia. Era tal a sua intenção de estar sempre afastado, em lugares onde nada havia, a não ser a distância grande que faz a terra arredondar-se quando se aproxima do horizonte. Escorado ao pau-terra, seus olhos administravam o vazio. Ventos bons, aqueles sem mancha de nada. Pena que um dia a corja dominasse o lugar, fá-lo-ia feio e temível. A quimera mostrava que tinha nascido.

Quando seu corpo se cansou da posição, Kubitschek caminhou devagar e já com a intenção de voltar para o meio dos homens, a bota tropeçou em pedras de uma superfície que achou estranha. No meio das rochas debulhadas que se aninhavam dentro do capim, encontrou duas formas que lhe fizeram a vigília de um interesse renovado. Dois peixes fossilizados dormiam

entre a areia. Do tamanho médio de seus trinta centímetros cada. Juscelino assoprou em volta das formas, assim como faz um geólogo quando não quer danificar um achado. E não foi com dificuldade que apanhou um e depois o outro, um tanto menor que o primeiro. Estavam estendidos na areia, barriga contra barriga. A primeira ideia que teve, seu temor, de que quando retirasse os peixes, transformassem-se em farelo. Mas teve a outra surpresa: rocha formada. Com um cuidado simples, porém integral, apanhou os dois e caminhou de volta para ao acampamento. Um caminhão já se encarregara de levar as prostitutas para o lugar que fora reservado a elas. Havia certa paz no local, pois que o cortejo das mulheres fora acompanhado pelos homens interessados. Era uma tarde escolhida para uma folga antecipada, a comemoração que se esperava, cada operário sonhava com aquilo, estava tudo em pleno andamento. Alguns homens continuavam em seus afazeres, mas ali, naquele ponto da cidade que se erguia, eram minoria. Todos correram em busca das saias e do conteúdo. O continente haveria que dar uma trégua. E os prazeres mundanos que voltavam às vidas acabaram desenhando a urbe quase que completa. Era uma forma de tirar o cerrado e as perdizes, os araticuns e vinháticos, de cena. Era a hora de enfiar um pouco de cheiro de saia putanesca no mundo.

Niemeyer estava sentado a uma mesa mambembe e pitava um cigarro de palha. Nem tivesse aquele costume. Ofereceram-lhe um e ele aceitara. Bebia de um licor de cor ambarina cuja garrafa estava sobre a mesa. Ofereceu da bebida e o presidente aceitou. Juscelino tinha umas surpresas muito abissais dentro do

peito. Tinha um respeito enorme pelos que considerava seus amigos. Agradava-se de agradá-los. E a sua melancolia não era vã ou somente uma impressão que causava às pessoas. Tinha as mãos às costas e segurava os dois fósseis. De repente, surpreendeu o Arquiteto com aquilo, mostrou-os como quem mostra as primeiras mangas que um menino vê amadurecerem em quintal de sua casa. Criança diante do sabor novo que as estações arrolam. Oscar Niemeyer olhou as peças e deixou nos ares uma interrogação de surpresa real. De onde vinham os fósseis? Aquela planície, se assim olhada, sob a face de dois peixes fossilizados, em tempos pleocênicos deveria estar sob volume grande de água. Um mar anterior, pode ser que sim. Estas coisas que dizem sobre etapas seculares de vida.

- Onde estavam?
- Longe das águas. Nem sinal de água. Na areia que segura as raízes do capim. A uns quinhentos metros há uma vereda longa. E em toda vereda tem água. Podem ser resultado disso!
- Acho que não. Parecem-se com tainhas!
- Parecem-se com traíras, isso sim!
- Não importa. Isso é muito mais antigo do que a vereda e suas atenções de umidade!
- Belos é que são!
- Imagem mais de futuro do que a era que os empedrou!

Entenderam-se os homens. Juscelino estendeu os dois exemplares e mandou que o arquiteto escolhesse um. Que aquilo fosse uma espécie de *souvenir* eterno que entre eles se alistasse.

Depois com sua voz pausada e mansa, anasalada, enquanto bebericava do licor, sentenciou:

- Quem sobreviver ao outro terá no fóssil um modo de preservar a imagem do amigo. A memória que se preserva. Um dia poderão me assassinar, que é esta a via final comum dos ícones!

E foi essa a última vez que Juscelino viu a imagem anterior de um mundo solitário. Brasília é a cidade mais solitária da terra. Depois, vê-la-ia em sua face de estar imberbe, porém, andando sem as fraldas de um tempo fóssil. Exilado, o mundo vinha avesso aos seus sentimentos. O nome de exílio ficava em sua cabeça como um arremedo de ícone. Estas coisas sem nome que jaem em sofrimento.

O peixe fossilizado esteve muitos anos sobre a mesa de Niemeyer, num apartamento do Rio de Janeiro.

(Primeiro capítulo do romance eletrônico  
*Marionetes*, 2003, de *A Tragédia Humana*)

# Conto

## AValiação DE PROPORÇÕES FEITA POR TONHÃO APINAJÉ SOBRE E EM UM CORPO DE TUCANO



Que vivificava de ser a própria desmedida, justo e até mesmo anedótico ter como não poder negar. Qual pássaro outro pode ter exibida a noção de um peso assim tão virtual, o bico ultrapassando o contorno esboçado na envergadura do corpo? O que transcende a imaginação de um civilizado, mas que também pode exercer somente um pequeno fascínio. Mais que isto no considerar a forma do *todavia*. Um susto, se menos que isso, apenas um levantamento de curiosidade. Coisa que em tudo somado e resumido, poria um jeito risonho, um alheamento sobre um índio apinajé, por exemplo. Visto que posso e devo contar, a coisa vivida por experimentação. Vivi isso de muito dentro, mais que de perto e entendi depressa que o caso merecia uma reinvenção deformada.

Que eu estava sentado debaixo de uma árvore de peroba de mui espessa fronde, roía uns caroços de pequi, uns mais claros,

esbranquiçados, daqueles que são comuns nas bandas altas do estado mega do Tocantins. São eles cheios de muito óleo e pouco teor de açúcar, sem muito enjoativo cheiro e gosto como seria de se esperar. Por tal mister, são eles ótimos e designativos para acompanhar uma beijada de cachaça. Em bandas do sul nem sinal deles ainda eu havia visto. Sim, sabia eu lá de uns muito açafranados e de graduação pequena e muito preferentes de maritacas-da-cabeça-de-fogo. Já, subindo margem junto com o rio São Francisco, rebaixando a viagem para bem acima de Montes Claros - onde surgem os primeiros pés de umbuzeiro - pode-se ver que o caroço redobra de amarelão. Chega a ser alaranjado. Também dobra de tamanho, sendo o todo, intrincado e descrito como o vulgarizado pequi de cultura, ou ainda veraz bago de boi, tudo devido ao porte e à succulenta polpa de reserva alentada. Se uma maritaca da cabeça de fogo come um desses, pode ser que fique mais de semana sem comer nada a mais, qual a sucuri que engoliu capivara velha.

Que dizia eu, então, enquanto roía com deleite um caroço de pequi, aproveitava o calor insuperável da tarde - umas gotas de suor escorrendo pelo chuleado da barriga -, veio vindo com passo que não deve nada a ninguém deste mundo, o Tonhão. Era um indiozinho apinajé que pouco mais contava do que com cinco anos vividos. Isto eu creio, pelo formato das gengivas de leite e pela dimensão e atitude dos olhos, eles um pouco zanagas em estrabismo falseado. Seu nome, vê-se, não ornava com o tamanho. Chupava um pirulito vermelho que uns brancos pescadores haviam lhe dado. Assim, ficavam esperançosos que

ele não bulisse em suas tralhas de pesca. Assim negociavam, podiam se distrair menos preocupados alhures. Tonhão lambia e dizia - explicava - que era aquilo um doce vermelho fincado num cavaco de pau. Como dizia ele mesmo dentro da explicação vã, revirava os olhos a imaginar que aquele doce não haveria de ter fim. Denotava o menino o certo que criava na apreciação do docinho. Para ele, um pirulito daqueles tinha muito mais valor do que qualquer explicação que houvesse sobre qualquer trambolho existido sobre a face da terra. Nem era engodo, segundo possa se pensar. Na verdade, nada poderia ser a ele mais dono de felicidades do que chupar um doce assim. Uma coisa que para os brancos não passa de calhau sem valor.

Depois, a sorrir até babar no chão, descobriu que aquele negócio tinha um som de assobio muito denso, de capivara sadia, se soprado fosse. Portanto, era um confeito com duas funções. Uma de senhorear língua e bochechas, outra de espalhafatar os ouvidos. Dizia ele, tão bom que pode ser que sirva para parlamentar a língua de vermelho. Quando descobriu o assobio, o apinajezinho descambou os modos para pulos de cabrito. Não parava de rir, não parava de babar. Seus olhos se tornaram mais vinhos. Somente parou de apitar quando o instrumento foi estando rouco, pois que ele o comeu pelas metades, tornando o flautim sem aqueles buracos capazes de espichar ou clarear a nota. Tonhão ficou triste de repente. Desentendia a razão de o som ter-se enfraquecido. Todavia, não me dizia nada. Apenas me olhava querendo uma solução para tão enorme dilema. Se pensava que a duração seria eterna, de repente descobria que o

caso era muito distinto. E nunca poderia entender porque a natureza, ela mesma, lhe tirava a possibilidade de continuar a lambar aquela delícia de céu vermelho.

Que, foi então que o tucano, um só, rufou as asas no meio dos ramos, desembaraçou-se de seu voo reto e pousou num dos galhos de um angico que vivia de braços dados com a peroba. Tonhão dava sossego ao doce que não mais apitava, porém, não tirava o restante da boca. Era um tucano de bico verde. A plumagem exuberava em vermelho e negro. Exibia o peito frontal virado para nós. Não pousara nas grimpas. Desconforme, o bico dando a impressão de empurrá-lo para a queda imediata. Movia a cabeça, como se molas a sustivessem. Olhava tão vesgo quanto o índio. Tonhão fez um comentário enquanto olhava para cima com um olho fechado e avaliava o pássaro. Que aquele bicho estava bom para ser derrubado com espingarda de chumbo fino, que na cabeça dele, grande Tonhão, as penas dariam um soberbo enfeite, as cores combinando como uma pinta orla no rabo de um tucunaré. Tonhão estava sonhando com um cocar. Um instante depois, o índio sentou-se mais perto de mim. Por saber que eu o tratava como se fosse uma criatura muito amiga, quase que um soberbo presente dos céus, um daquelas com quem se pode passar boas horas sem tédio, ele se chegava a cada dia mais. Mesmo apreciava se encostar-se ao meu braço e fingir que dormia um sono muito apetecido. Eu amava aquilo. Recobrava o amor pelas coisas simples desse mundo. E as risadas dele eram infantis e plenas de vigor.

Disse que, se reparado bem, aquele bicho tucano era esquisito. Só que aceitavelmente esquisito. Era o que ele queria dizer, embora não o dissesse com estas mesmas palavras. Disse que o bico atrás da porta de sua casa ficava sendo outro enfeite muito belo, dependurado. Além do mais, dava sorte. Depois, continuou dizendo coisas que deixaram de ter mescla de branco com índio e passaram a ter conotação de coisa somente de homem branco. Era o resultado da convivência que ele tinha ali nas beiras do rio Surubim. Os pescadores, os fazendeiros, outros e mais brancos. O apinajé disse que se acaso parte de seu corpo adquirisse aquela alteração tucanosa, como era de se ver admirado na divisão proporcionada entre o bico e o corpo do tucano de bico verde, muito ele seria infeliz, a menos que todos da tribo fossem iguais. Ele repetiu que a menos que todos da tribo fossem iguais. Mas que também seria por demais feliz, caso outra parte qualquer de seu corpo crescesse assim tanto. Enquanto falava Tonhão se alheava mais e mais, como se a música infantil de sua voz fosse dirigida ao tucano e à árvore. Não falava a mim dirigido comigo, embora muito eu escutasse, muito eu tudo ouvisse. Embora muito eu gravasse. Não disse qual seria a parte de seu corpo, que se crescesse, o deixaria feliz ou infeliz. Pensei em Cyrano de Bergerac, em seguida em Gargantua. De quebra, em Panurge. Depois, minha atenção se concentrou toda sobre a pose de movimentos moles do tucano, no apinajé e na árvore. Bons corpos e boas almas eu havia de estar a considerar. O lugar onde eu estava era por demais consciente com essa maneira simples e rudimentar de pensamento. Afinal de contas, para levar

adiante a textura lúdica das coisas, eu tinha que me envolver na graça do tucano, do índio e da árvore.

Coisas da vida da gente que não ordenam nenhuma importância. De poucas pessoas cheguei a sentir inveja. Do indiozinho acho que sequer pude entrever os fundamentos e as questões como cada uma em particular. Entretanto, comportamos são sempre distintos, também desejei ser feliz tendo uma parte do corpo que fosse assim tão desajuizada. Só que no meu caso, eu revirava as vísceras e cometia pecados demais na hora de abalizar o mundo e as suas possibilidades, mesmo que fossem as mais precárias e incompatíveis com alguma realidade. Pode ser que naquela ocasião ele já portasse algo assim inusitado, crescida em mim. Alguma sobra de liberdade. Nada mais que isso, alguma sobra dessa coisa terrível, a liberdade. Alguma coisa com ele acho que aprendi. O menino exercia umas sabedorias inadiáveis. Seus olhos eram os mais reais que conheci.

Era preciso entender assim.

Que Tonhão não sabia desperdiçar os caroços.

(do livro *Guta a Percha*, 1998)

# Poesias

## TEARSSEEE

)...inteligível em atenção o nada que riplee  
sabrree e quassseee  
intelegível o nada amontoado  
em banda vista a mirada  
enquanto o papel é rasgado...(

## MEMORIAL PARALELO

tangente que alista a forma de casquear a percepção das coisas elementar  
- listras - a cor sofrendo a mutação  
em nada - listras - somente  
supersuando a probabilidade  
e em haver ações em universo - listas - e que nenhuma possa ser afronta ao vício da outra - lisas - alberga a falha entre o branco e o cor de abóbora, a excelência da cor cuspidada por - listas - excelência - as paralelas que e alisam os ramos tecidos de um único rumo - listrado - a direção de cada faixa que não encontra final - listra - em cada suprema falta de limite das coisas que podem ser mensuradas ou sugeridas - listras - lisas ações atos que nem falhos são - lisas - as capacidades de lamento do mundo listado como uma platibanda de junco

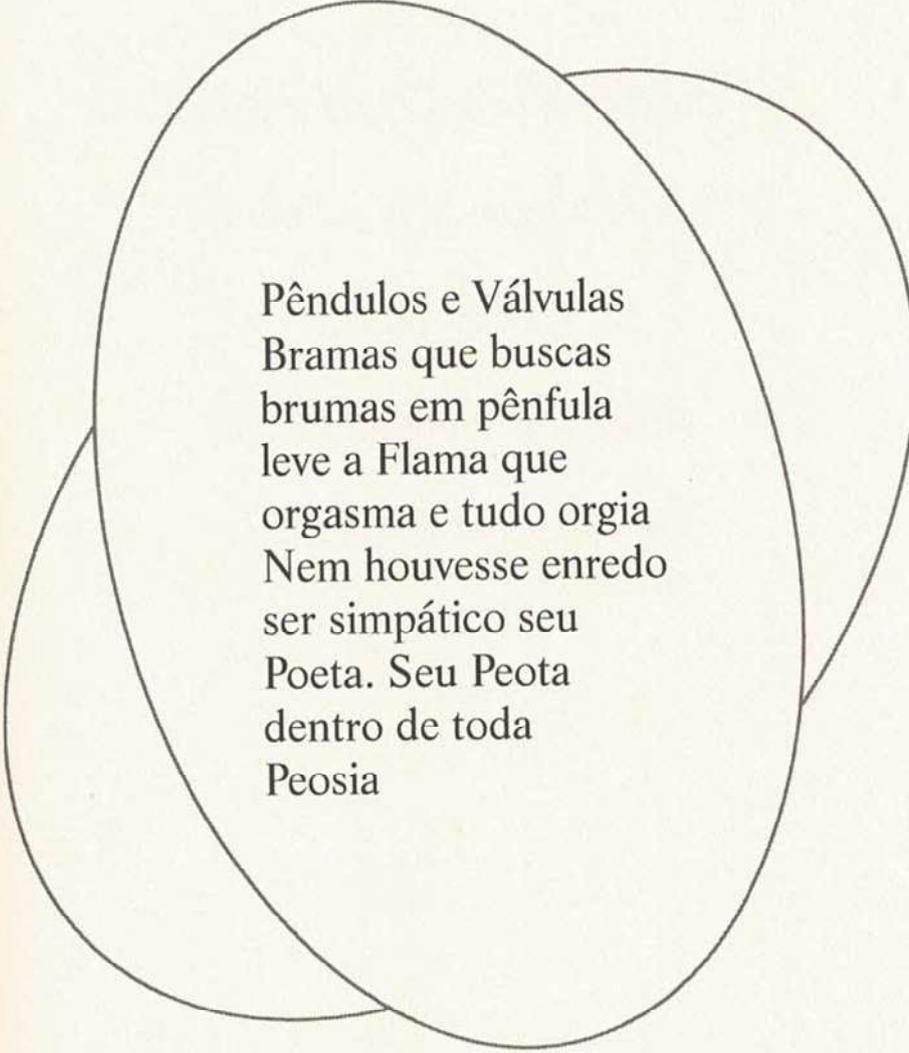
# O NASCIMENTO SEM DOR

numa noite trans e fia  
posta, a luz da flor branqueia  
opercula novo dia

## SINISAL

bizarros os arfares de cada manhã  
desarvora a massa de cristal de sol  
em pedaços - lícita forma de sarrafos  
entre nuvens                      entre cunhas  
  
entre luas  
de sol providencisal  
  
cruza a pata o pássaro amanhã  
conluia jarro em sol e cristal  
esparrama a lama - ilícita formada  
entre galhos                      entre telhados  
  
entre sol  
de lua providensinal

# ARES



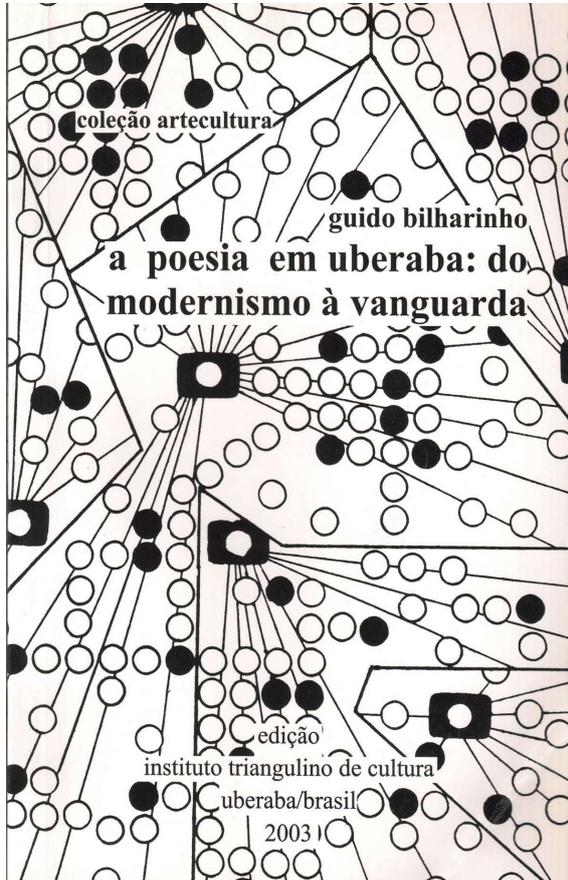
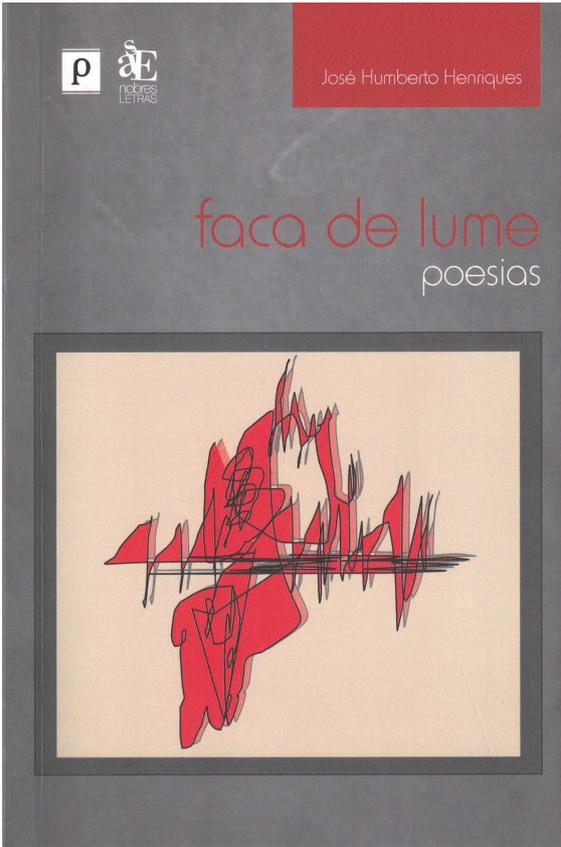
Pêndulos e Válvulas  
Bramas que buscas  
brumas em pênfula  
leve a Flama que  
orgasma e tudo orgia  
Nem houvesse enredo  
ser simpático seu  
Poeta. Seu Peota  
dentro de toda  
Peosia

## A GOTA D'ÁGUA

)Repleto (Um compasso passado  
rente ao laço de marca o que orla  
a borda suma lisa e parábola e trans(  
borda(  
tolerância limita e derrama  
rui e a gota d'água que fala  
e acorda(!

(do livro físico e eletrônico *Faca de Lume*, 2011)





# Visuais

MAÇÃS

ASSADAS

* Qqqqqqqqqqqqapfelstrudel*	qqqqqqqqqqqqdasisthind*
* NehmenZieqqqqqqqqqqqq*	nohrqqqqqqqqqgetwasqqq*
* Apffffelllmit zwibelqqqqqq*	apfeLLLLLLLLstrudqqqqqqqq*
* Elqqqqqqqqqqmitzwibelqqq*	qapfeeeeeeeeeelllnnnnqq*
* qqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqqq*	kartofelnmitreisqqqqqln*
* qqqqqqqqqqapfelnnmitqqqq*	mitzwibelnnnnnkartofel*
* nnnqqqqqqundqqqqfishapfel*	qqqqqqkartofelm mitzu*
* cqqqqqqqqqmitliebdihrqqqq*	nehmenapffffeellnnnnn*





espectra□ha

(do livro físico *A Poesia em Uberaba: do Modernismo à Vanguarda*, 2003)

# INDICAÇÕES

# **BLOGS CULTURAIS**

## **BLOG EDITORIAL GUIDO BILHARINHO**

**63 VOLUMES EDITADOS**

**UM LIVRO POR MÊS (DE SET/2017 A AGO/2022: 62 VOLS.)**

**LITERATURA – CINEMA – HISTÓRIA DO BRASIL –  
TEMAS REGIONAIS – ENSAIOS E ARTIGOS**

**<http://guidobilharinho.blogspot.com>**

## **DIMENSÃO**

**Revista Internacional de Poesia**

**(1980 a 2000)**

**Coleção Completa - 635 poetas de 31 países**

**Índices Onomásticos - Repercussão da Revista**

**<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br>**

## **PRIMAX**

**Revista de Arte e Cultura**

**Edições em Português, Inglês e Espanhol**

**<https://revistaprimax.blogspot.com>**

## **NEXOS**

**Revista de Estudos Regionais**

**<https://revistaregionalnexus.blogspot.com>**

## **SILFO**

**Revista de Autores Uberabenses**

**Edições em Português, Inglês e Espanhol**

**<https://revistasilfo.blogspot.com>**

## **BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA**

**36 Volumes Editados – Diversos Autores**

**FUNDAÇÃO - EVOLUÇÃO ECONÔMICA - PIONEIRISMO -**

**HISTÓRIA - ATIVIDADES CULTURAIS - LEGISLAÇÃO**

**MUNICIPAL - MEIO AMBIENTE - SISTEMA FLUVIAL -**

**TEATRO – BIBLIOGRAFIA**

**<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br>**

## **AUTORES UBERABENSES**

**10 Livros Publicados**

**POESIA – BIOGRAFIA – ARTIGOS –**

**ENSAIOS – TEATRO**

**<https://autoresuberabenses.blogspot.com.br>**

## **DIÁRIO UBERABENSE**

**Livro *Diário de Uberaba***

**de Marcelo Prata**

**Vol. I (1500-1889) – Vol. II (1889-1925)**

**Vol. III (1926-1949) – Vol. IV (1950-1979)**

**<https://diariouberabense.blogspot.com>**